

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

**AS ESTRATÉGIAS AO SERVIÇO DA
DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ATO DE
APRENDER.**

Joshua Simão Vieira

Orientadores:

Doutora Ana Luísa de Oliveira Ferreira

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de
Educação de Paula Frassinetti para a obtenção de grau de
Mestre em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Porto
junho, 2015

RESUMO

O presente documento contempla as várias dimensões do processo de estágio nas valências de 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Pretende demonstrar a construção da profissionalidade evidenciando as intervenções realizadas ao longo dos dois períodos.

É o resultado de uma investigação realizada através de uma metodologia de carácter qualitativo, baseada numa análise e intervenção no contexto educativo. Nela estão contempladas as fundamentações teóricas que suportam as intervenções, assim como os instrumentos que permitiram uma melhor intervenção.

As intervenções focaram-se numa pedagogia centrada nos alunos tentando ir ao encontro de uma diferenciação pedagógica. Ao longo do relatório, verificam-se diferentes estratégias aplicadas em contexto de estágio de forma a conseguir levar o ensino a cada aluno na sua individualidade.

Palavras-chave: 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico; intervenção; diferenciação pedagógica.

ABSTRACT

The following report addresses some dimensions of the internship in elementary and middle school. It aims to show the construction of professionalism, highlighting the interventions carried out over the two periods.

It is the result of an investigations conducted by a qualitative methodology, based on analysis and intervention in the educational context. It contemplates the theoretical foundations that support the intervention, as well as the instruments that allowed a better intervention.

The interventions have focused on a pedagogy towards the students, trying to meet a pedagogical differentiation. Throughout the report, there are different strategies applied in the education context in order to be able to take teaching to each student as an individual.

Keywords: Elementary and Middle school; intervention; Pedagogical differentiation.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Doutora Ana Luísa Ferreira e Doutora Brigitte Silva pela orientação e disponibilidade ao longo deste percurso.

À minha família e namorada pelo apoio que me derem nesta longa caminhada.

Aos amigos e colegas pelo companheirismo e amizade.

A todos aqueles que estiveram implicados direta ou indiretamente.

À Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pelas aprendizagens e momentos partilhados com todos os docentes, não docentes, amigos e colegas.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
1.1. Ato de aprender.....	6
1.2. Inteligências Múltiplas.....	6
1.3. Estratégias de aprendizagem.....	8
1.4. Estratégias de ensino-aprendizagem.....	8
1.5. Estilos de aprendizagem.....	9
1.6. Diferenciação.....	11
1.7. Planificação.....	12
II. METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO.....	14
III. INTERVENÇÃO.....	17
1. Caracterização dos contextos educativos.....	17
1.1. 1ºCiclo do Ensino Básico.....	17
1.2. 2º Ciclo do Ensino Básico.....	20
2. Caracterização da intervenção.....	23
2.1. Observar/Preparar.....	23
2.2. Planear/Planificar.....	25
2.3. Agir/Intervir.....	26
2.4. Avaliar.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Relação aluno-professor

Anexo B – Diversificação de estratégias

Anexo C – Exemplo de Planificações 1º CEB

Anexo D – Exemplo de Reflexão 1º CEB

Anexo E – exemplo de Ficha Formativa – Ficha de Revisões 1º CEB

Anexo F – Planificação de Ciências Naturais

Anexo G – Elaboração de um cartaz

Anexo H – Atividade experimental – influência dos fatores abióticos

Anexo I – Diferenciação Individual

Anexo J – Jogo do Bingo

Anexo K – PowerPoint Português

Anexo L – PowerPoint História e Geografia de Portugal

Anexo M – Timeglider

Anexo N – Entrega de trabalhos de grupo de História e Geografia de Portugal

Anexo O – Teste de Ciências Naturais

Anexo P – Grelha de Avaliação do Teste de Ciências Naturais

Anexo Q – Planificação de Matemática 2º CEB

Anexo R – Diários de Bordo

Anexo S – Feira Medieval

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Ciclo do Ensino Básico

PAA – Plano Anual de Atividades

PE – Projeto Educativo

RI – Regulamento Interno

INTRODUÇÃO

O presente documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I e II, pertencente ao Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, e consiste num relatório de estágio nas valências do 1º Ciclo do Ensino Básico e do 2º Ciclo do Ensino Básico.

Os objetivos da unidade curricular são os seguintes: Atuar respeitando os ideários e valores das instituições colaborando de forma efetiva na dinâmica institucional; Intervir numa perspetiva curricular, tendo em conta uma pedagogia diferenciada, gerindo recursos e organizando o ambiente educativo de acordo com os princípios da aprendizagem ativa e participativa, promovendo o sucesso escolar; Planificar a intervenção educativa de forma integrada e flexível agindo com intencionalidade; Refletir de forma a adequar e a reformular a ação educativa; Utilizar técnicas e instrumentos de observação, registo, documentação e avaliação do processo de ensino/aprendizagem; Identificar a especificidade da organização do ambiente educativo do 1º CEB e 2º CEB; Descrever as especificidades do processo de ensino/aprendizagem dos alunos do 1º CEB; Relacionar as práticas educacionais com as teorias que as enformam; Reconhecer a necessidade da continuidade pedagógica entre o 1º e o 2º CEB; Problematizar as questões que se colocam a este profissional.

Desta forma, o documento produzido está dividido em seis partes essenciais: o Enquadramento Teórico, no qual estão presentes as perspetivas teóricas sobre os contextos educativos do 1º e 2º CEB; as Metodologias da Investigação, que compreende o tipo de abordagem, os participantes e os instrumentos do estudo; a Intervenção, esta por sua vez dividida na caracterização dos contextos e na caracterização da intervenção; as Considerações Finais, componente em que é elaborada uma reflexão sobre a experiência de estágio e o perfil do professor; para concluir, as Referências Bibliográficas e a Legislação.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Esta primeira componente do documento engloba os pressupostos teóricos que sustentaram a ação pedagógica ao longo da prática supervisionada, evidenciando as temáticas e inquietações presentes nesta experiência.

1.1. Ato de aprender

Os alunos aprendem de forma diferente dos adultos. No entanto estes ainda assim têm cada um o seu modo de pensar, raciocinar e aprender, tornando-os distintos uns dos outros. Desde muito cedo os alunos mostram maior predisposição para aprender umas coisas em vez de outras. Bransford et al (2000) referem-se a esta predisposição como domínios privilegiados que se centram em categorias definidas tais como conceitos físicos e biológicos, causalidade, número e linguagem. Durante o seu desenvolvimento, os alunos apropriam-se de formas de pensar e compreender para a construção do seu conhecimento. Podemos verificar que os alunos não estão preparados para aprender todos da mesma maneira. Existe mais do que uma maneira de aprender e consequentemente existe mais do que uma maneira de pensar, de ser inteligente. É importante perceber que existem várias inteligências e Gardner (2010) sugere algumas formas de ajudar as crianças a aprender, focando-nos nos seus pontos fortes, ou seja, nos seus domínios privilegiados.

1.2. Inteligências Múltiplas

Podemos então questionar-nos sobre o que é a inteligência. Assim como Alain Lieury (2001) afirma, chamamos o cão de inteligente por nos trazer o jornal na boca, mas se pegarmos num jornal e o levarmos na boca até alguém, somos chamados de idiotas. Desta forma, o termo inteligência é polissémico dependendo do contexto em que está a ser empregue. Ao longo do tempo e devido à imprecisão do termo chegou-se a três aceções principais do termo inteligência.

A primeira é a inteligência como a de «capacidades mentais gerais». Tal como o nome indica implica são capacidades muito extensas. É através desta aceção que um aluno é considerado inteligente se é capaz de desenhar um círculo ou dizer o próprio nome. A segunda é a aceção de «raciocínio», ter a capacidade de raciocinar ou resolver

um problema. A terceira é a aceção da palavra «inteligência», “Ser-se inteligente é ser-se culto” (Lieury, 2001, p.13). O conjunto de conhecimentos que vamos adquirindo faz com que sejamos mais inteligentes. Por vezes está relacionada com a resolução de problemas. “Não se resolve um problema graças a um golpe de génio, aprende-se a resolvê-lo.” (Lieury, 2001, p.13). A primeira vez que temos um determinado problema, demoramos um certo tempo para o poder resolver. Se o mesmo problema voltar a acontecer, certamente conseguiremos resolvê-lo mais rapidamente do que na vez anterior.

Assim surge a questão, há apenas uma inteligência ou várias inteligências? Thurstone cit in Lieury (2001) defende uma abordagem que considera que a inteligência é múltipla e corresponde a aptidões especiais identificando cinco «aptidões primárias»: fator verbal, fator espacial, fator de raciocínio, fator numérico e fator de fluidez verbal. Posteriormente Howard Gardner propôs sete formas de inteligência.

Segundo Gardner (1983) cit in Papalia, Olds e Feldman (2001), uma pessoa possui várias e diferentes inteligências: a inteligência linguística - a capacidade para usar e compreender palavras e nuances de significado; a lógico-matemática – capacidade para operar com números e resolver problemas lógicos; a musical – capacidade para perceber e criar padrões de altura do som e ritmo; a espacial – capacidade para se orientar num contexto e avaliar relações entre objetos no espaço; a corporal-cinestésica – capacidade para fazer movimentos com precisão; a interpessoal – capacidade para compreender e comunicar com outros; a intrapessoal – capacidade para se compreender a si mesmo. Este autor vai ainda mais longe e refere mesmo que o facto de uma pessoa ser muito forte numa área, não implica obrigatoriamente ser forte noutra área distinta.

Também Sherer (1985) cit in Papalia, Olds e Feldman (2001), se debruça sobre esta questão e menciona que, através da observação, é possível revelar as áreas fortes e fracas, para assim se conseguir orientar o desenvolvimento do aluno.

Assim podemos concluir que há aptidões mentais múltiplas e que cada pessoa terá mais ou menos desenvolvida umas determinadas áreas. Cada um terá uma aptidão diferente para cada um dos tipos de inteligências, havendo também vários fatores que podem influenciar o desenvolvimento dessas capacidades.

Relacionando este pensamento com o contexto de sala de aula, vemos que temos um grupo de alunos e que cada um é diferente do outro. Cada aluno terá áreas de inteligência mais desenvolvidas do que outras.

Enquanto professores, o que é que podemos fazer com esta informação? Sabendo que cada aluno terá um domínio privilegiado, uma inteligência diferente, vamos olhar para os alunos como sendo todos iguais ou será possível fazer uma diferenciação indo ao encontro das suas necessidades, capacidades, interesses e inteligências? Que estratégias podemos usar para ir ao encontro do aluno na sua individualidade?

1.3. Estratégias de aprendizagem

Na realidade, o objetivo máximo do ensino é que os alunos consigam adquirir os conhecimentos. Conhecimentos esses que são ditados segundo o programa e as metas curriculares. Para que esse objetivo consiga ser alcançado, existem vários fatores que têm que ser analisados e trabalhados. “Se a concepção de aprendizagem constitui o modo como representamos a aprendizagem e a motivação aquilo que nos leva a aprender, as estratégias de aprendizagem consistem nos procedimentos que efectivamente utilizamos para aprender.” (Duarte, 2012, p.81)

No dicionário da língua portuguesa poderemos encontrar estratégia como sendo um conjunto dos meios e planos para atingir um fim (Perfeito et al, 2011, p.677). Se o nosso objetivo for a apreensão de conhecimentos pelos alunos, devemos seguir este caminho. Desenhar uma estratégia de forma a conseguirmos alcançá-lo. Desta forma, torna-se “vital consciencializar o tipo de estratégias de aprendizagem que costumamos utilizar, assim como estratégias alternativas.” (Duarte, 2012, p.81)

1.4. Estratégias de ensino-aprendizagem

“As estratégias de aprendizagem a escolher terão de ter por base, quer o nível de ensino a que se destinam, quer ao tipo de matérias em questão.” (Cardoso, 2013, p.160) Dependendo do grupo de alunos, faixa etária, autonomia, tipo de objetivos da aula e conhecimentos que pretendemos que o aluno adquira, devemos adaptar a nossa escolha de método. Em seguida, será abordado o assunto dos métodos: expositivo, demonstrativo e interrogativo.

O método expositivo consiste na exposição oral feita pelo professor. O professor expõe os conteúdos, enquanto os alunos ouvem e aprendem o que o professor está a lecionar. A intervenção dos alunos é mínima, sendo que participam no sentido de esclarecer alguma dúvida ou conceito.

No método demonstrativo, tal como o próprio nome indica, o professor vai demonstrar um conhecimento. Por vezes, este método é utilizado para complementar o método expositivo. “Os conhecimentos que poderão não ter ficado consolidados na fase de exposição possam agora ser bem apreendidos.” (Cardoso, 2013, p.163) Na utilização deste método pretende-se que o aluno consiga fazer aquilo que acabou de ver, repetindo, se necessário, os procedimentos.

O método interrogativo é um método no qual compete ao professor a composição de perguntas no sentido de fazer progredir a aquisição de conhecimentos. Neste método é necessário que haja interação com a turma e o professor precisa fazer com que a turma se sinta motivada. Os tipos de perguntas poderão ter objetivos diversos podendo ser dirigidas para o raciocínio como para a memória. Cardoso (2013, p.164) afirma que “o conhecimento é latente na mente de todo o ser humano, podendo ser encontrado pelas respostas a perguntas formuladas de forma perspicaz”

1.5. Estilos de aprendizagem

Duarte (2012) apresenta-nos três tipos de estratégias que podemos implementar. A estratégia da superfície, que consta numa memorização passiva da informação, ou seja, na focagem dos factos e definições alvos de avaliação, memorização literal para posterior reprodução e um processamento sequencial dos conteúdos como unidades separadas sem ser feita uma relação entre as informações. A estratégia de profundidade, que aposta na reflexão e compreensão. Esta estratégia procura a apreensão da informação através de uma análise crítica, esforço de compreensão do significado, relação entre conteúdos e formação de pontos de vista pessoais relativamente à matéria. Por último, a estratégia da organização que consiste numa aprendizagem organizada. Foca-se na organização disciplinada do trabalho pessoal e no cuidado pelo tipo de avaliação de modo a perceber qual a maior probabilidade do alvo de avaliação e os critérios para se focar nesses pontos e “tentar criar uma boa impressão junto dos educadores e basear a aprendizagem em pistas implícitas.” (Duarte, 2012, p.86)

Estas estratégias não serão estanques, podendo haver uma utilização conjunta das diferentes estratégias. Devem ser adaptadas ao contexto em que o professor está inserido.

“Cada estratégia ou método possibilita diferentes tipos de aprendizagem, quer no que respeita ao que se aprende, quer ao modo como se aprende. As características dos alunos constituem também uma variável crucial na escolha, porque reagem de modo diferente a diferentes estratégias ou métodos de ensino.”
(Silva e Lopes, 2015, p.53)

O professor pode adaptar as estratégias e os métodos de forma a ir ao encontro do aluno, no entanto não nos podemos esquecer da propensão que o aluno tem para adquirir aprendizagens significativas. Da mesma forma que um aluno tem umas áreas de inteligência mais desenvolvidas, também poderá ter um estilo de aprendizagem que lhe seja mais favorável. Segundo Silver, Strong e Perini (2010), é possível, através dos estilos de aprendizagem, compreender de que modo os alunos aprendem e como as suas preferências por determinados processos de raciocínio influenciam os comportamentos de aprendizagem.

Como já foi referido anteriormente, cada aluno é diferente do outro. Isso faz com que os alunos também tenham diferentes estilos de aprendizagem. Silver, Strong e Perini (2010) identificam quatro estilos de aprendizagens – o da proficiência, o da compreensão, a interpessoal e da autoexpressão. Os indivíduos que aprendem por via da proficiência podem ser caracterizados como realistas, práticos, pragmáticos, preferindo as ações em vez das palavras e revelam ter energia para resolver problemas lógicos e úteis. Os que aprendem por via da compreensão são mais teóricos, intelectuais, reflexivos sobre si e tudo o que os rodeia, apreciam problemas complexos e são curiosos relativamente a ideias e teorias. Indivíduos que aprendem por via interpessoal são sociáveis, amigáveis, sensíveis aos sentimentos e orientados para as relações interpessoais, preferindo aprender sobre questões que interferem na vida das pessoas. Por fim, os que aprendem através do estilo da autoexpressão são curiosos, perspicazes, imaginativos, sonhadores, comprometidos com os seus valores e procuram novas formas de se expressarem.

É importante adaptar o ensino a cada aluno. Um aluno poderá aprender com mais facilidade, quando é necessária uma inteligência linguística e ter maior dificuldade quando é necessário recorrer a uma inteligência lógico-matemática, enquanto com outro aluno acontecerá o contrário. Poderá aprender com maior facilidade, quando necessária

uma inteligência lógico-matemática e ter mais dificuldades quando é pedida a utilização de uma inteligência linguística. No entanto ainda haverá outro que tem como áreas de inteligência mais forte a inteligência corporal-cinestésica e a inteligência espacial. Haverá um aluno mais inteligente do que o outro? Devemos privilegiar a inteligência linguística e lógico-matemática, uma vez que são as que vão mais ao encontro do programa? E, por isso, um aluno com estas áreas mais fortes é mais inteligente que um aluno que tem como áreas fortes a inteligência espacial e corporal-cinestésica? (Silver, Strong, e Perini, 2010)

Silver, Strong e Perini (2010) também defendem que cada aluno é diferente. No entanto, haverá alunos mais privilegiados do que outros em reação, devido à forma como o ensino está implementado. No entanto há sempre pontos positivos assim como pontos negativos.

“Por exemplo, um aluno cujo estilo de aprendizagem dominante é o interpessoal e a inteligência predominante é a corporal/cinestésica terá, quase de certeza, dificuldade em manter o interesse por uma tarefa do manual que o obrigue a trabalhar sozinho e a responder às perguntas formuladas no final do capítulo. Por outro lado, ao servir os alunos cujos estilos de aprendizagem e inteligências se identificam com os privilegiados pelas nossas escolas, negamos-lhes a oportunidade de pensarem de forma diferente e de se desenvolverem em função desse estímulo.” (Silver, Strong, Perini 2010, p.46)

O problema surge quando o professor não diversifica as estratégias e permite que existam áreas de inteligência privilegiadas relativamente a outras. Podemos afirmar que o ensino diferenciado consiste em disponibilizar aos alunos múltiplas opções de conseguir informação, “proporciona diferentes formas de aprender conteúdos, processar ou aprender diferentes ideias e desenvolver soluções de modo que cada aluno possa ter uma aprendizagem eficaz” (Tomlinson, 2008, p.13).

Posto isto, no ponto seguinte será abordada a questão da diferenciação pedagógica, estabelecendo as pontes entre esta e a ação do professor.

1.6. Diferenciação

Segundo o Decreto- Lei nº241/2001 de 30 de agosto, o professor tem o dever de desenvolver o currículo de uma forma inclusiva, integrando os conhecimentos e as competências científicas que proporcionem aprendizagens significativas aos alunos. O professor deve assumir este compromisso para com todos os seus alunos, incluindo os alunos com necessidades educativas especiais.

Para Tomlinson (2008) o ensino diferenciado é pró-ativo, qualitativo, tendo origem no processo de avaliação, providencia múltiplas abordagens aos conteúdos, processo e produto e centra-se no aluno.

Para que o ensino diferenciado seja uma realidade, é necessário que a aula seja planeada de uma forma pró-ativa, de modo a abordar diversas formas de ir ao encontro das diferentes necessidades. O professor, ao conhecer o grupo de alunos, tentará ir ao encontro das necessidades de cada um. O processo de avaliação é qualitativo, uma vez que importa a qualidade do trabalho proposto, no sentido em que a natureza do trabalho tem que corresponder às necessidades dos alunos. Não é importante haver uma grande quantidade de trabalho diferenciado se não for ao encontro das necessidades do aluno. A avaliação está também inserida na caracterização do ensino diferenciado, uma vez que esta “acontece no início de cada unidade para determinar as necessidades específicas de cada aluno em relação aos objetivos dessa mesma unidade” (Tomlinson, 2008, p.17). A avaliação vai acontecendo ao longo da unidade de diversas formas, podendo o professor planear segundo as informações recolhidas.

O ensino diferenciado implica que o docente providencie múltiplas abordagens ao conteúdo, processo e produto.

“Ao diferenciarem estes três elementos, os professores oferecem diferentes abordagens sobre o que os alunos aprendem, como o aprendem e de que modo demonstram o que aprenderam. No entanto, o que estas diferentes abordagens têm em comum é que foram planeadas com o objetivo de encorajar um crescimento substancial em todos os alunos” (Tomlinson 2008, p.17).

Como se pode constatar, esta é uma prática centrada no aluno e de constante partilha de conhecimentos entre o professor e os alunos, na medida em que os alunos ensinam ao professor sobre a forma como retêm os conhecimentos e o professor promove as aprendizagens de forma a ir ao encontro de cada aluno. Neste processo, o papel exercido pela planificação é essencial já que terá em conta a seleção das estratégias, os contornos da diferenciação pedagógica, sempre pensando nos alunos e nas suas diferenças.

1.7. Planificação

Desta forma conseguimos ver o quanto é importante planificar. Partindo da palavra planificação podemos ver que esta se refere à ação de planificar, ou seja,

organizar algo de acordo com um plano. “A planificação tem por objetivo determinar o que se deve fazer, a fim de, posteriormente, se tomarem decisões práticas.” (Kaufman, 1980, cit in Arends, 1995, p.17) ou seja, a planificação organiza a ação do professor.

Ao pensarmos em planificar devemos ter em atenção três questões. Para que planificar? Como planificar? Como sei que cheguei onde queria? Os principais objetivos da planificação são determinar as metas e resultados a obter; elaborar as orientações e normas de atuar definindo papéis; prever situações e preparar estratégias corretivas; estabelecer um sistema de controlo que permita avaliar se os objetivos e resultados foram ou não atingidos. Ao determinarmos os objetivos e resultados e a forma como os alcançar, ao planificar, estamos a minimizar as incertezas e serve como orientação à tomada de decisões além de facilitar a estimulação dos processos de desenvolvimento e permitir uma maior instrumentalização dos meios necessários para alcançar os objetivos.

Ao elaborar uma planificação, o professor deve ter em atenção várias características que esta deve assumir. Além de se elaborar uma planificação coerente, funcional e pertinente, a planificação deve ser flexível, aberta e descentralizada. Deve promover a participação além da interdisciplinaridade. É importante que esta flexibilidade exista, pois a qualquer momento pode haver uma situação que exija uma mudança na planificação já que “as planificações são feitas para serem alteradas” (Doyle, 1990 cit in Arends, 1995).

II. METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

Uma das competências requeridas ao profissional da educação é a dinamização de uma prática pedagógica adequada, contextualizada e diferenciada, tal como podemos ler no Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de agosto, “Desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, conducentes ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sócio-cultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outras componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos.” Desta forma, é importante recorrer a metodologias de investigação para conhecer, caracterizar e analisar a natureza e intencionalidade das práticas educativas observadas no contexto inserido.

Assim, será relevante clarificar o conceito de investigação. Para Quivy e Campenhoudt (1995, p.31) investigar é “algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” Sendo esta uma investigação realizada no contexto educativo, podemos compreender a afirmação de Pacheco que defende que a “investigação educativa é uma actividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objeto de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos educativos.” (Pacheco, 1995, p.9) Nesta investigação assumiu-se a posição de professor-investigador. Desta forma, cabe ao professor-investigador “traçar o caminho que pretende, pois o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (Quivy e Campenhoudt, 1995, p.29).

Para o efeito, foi feita uma caracterização do contexto educativo, de forma a adequar a ação através de uma análise intensiva partindo desta para uma investigação qualitativa, em que se focalizaram pequenas amostras, ou seja, os elementos que fazem parte da população em estudo, que estão inseridos no mesmo espaço e que todos têm características em comum. Quivy e Campenhoudt (1995).

As investigações qualitativas têm por base o contato direto com o ambiente natural, de forma a entender as razões e o contexto que lhe está associado; a descrição em forma de palavras e não em números; os processos em vez dos resultados e produtos finais Bogdan e Biklen (2010).

Como afirmado anteriormente, a investigação sendo qualitativa e tendo por base o contacto direto com o ambiente natural, começou por ser realizada uma observação participante com uma turma do 1º CEB e três turmas do 2º CEB. Foram analisados os contextos e as turmas onde se esteve envolvido, assim como as duas instituições. Posteriormente, foram realizadas várias intervenções.

Ao nível do 1ºCEB, a amostra contemplava uma turma do 2º ano, composta por 20 alunos, 13 do género masculino e 7 do género feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. Relativamente ao 2º CEB, os participantes da investigação constituíam três turmas do 2º CEB. Uma turma do 6º ano e duas do 5º ano. A turma de 6º ano era composta por 24 alunos, 11 do género masculino e 13 do género feminino, com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos. Relativamente às turmas de 5º ano, uma turma era composta por 24 alunos, 18 alunos do género masculino e 6 do género feminino e a outra turma composta por 18 alunos com 10 alunos do género masculino e 8 do feminino. Estes alunos tinham entre 9 e 14 anos.

Não pode deixar de ser referida a importância dos professores cooperantes e das equipas pedagógicas, pois foram fundamentais ao longo de todo o percurso, principalmente nos momentos iniciais, uma vez que se mostraram completamente disponíveis para facultar todas as informações relativas à turma e às suas práticas.

Durante o período no campo, o professor estagiário procurou conhecer e adaptar a prática consoante o contexto e princípios da instituição com auxílio documentos institucionais, como o Projeto Educativo (PE), o Regulamento Interno (RI), e o Plano Anual de Atividades (PAA).

Da mesma forma, os documentos oficiais pelo qual se rege o 1º e o 2º CEB em Portugal (como Decretos-Lei, o Perfil Geral Especifico de Desempenho Profissional do Professor, o Programa e Metas Curriculares) e todo um pressuposto teórico que fundamentasse a prática, para uma análise fundamentada.

Sendo este um estudo de carácter qualitativo, a observação direta e indireta ocuparam um lugar de destaque. Por um lado, pela proximidade com os sujeitos em estudo, procurando compreender as suas motivações e pensamentos e por outro pelo conhecimento das interações e reações dos alunos, face a determinados acontecimentos, o nível de aprendizagens e as dificuldades evidenciadas contanto com a sua espontaneidade. De tal importância, considera-se também o observador um instrumento essencial na observação.

Ao longo da investigação, verificou-se fundamental assinalar essas mesmas observações através de registos onde se encontram presentes instrumentos tais como, grelhas de avaliação, registos de observação, registos fotográficos, registos de incidentes críticos, listas de verificação, planificações, entre outros que sustentam o já referido estudo, evidenciando a prática pedagógica.

É ainda de elevada importância referir a elaboração de um conjunto de reflexões (anexo D) com o intuito de uma autorreflexão e uma autoavaliação da prática educativa que contribuiu para o progresso pessoal e profissional do estagiário, originando, assim, uma atitude investigativa por parte do mesmo.

A par deste instrumento acrescentam-se as orientações de tutoriais de estágio que iam concedendo o feedback contínuo do percurso desenvolvido e do percurso a desenvolver.

As conversas informais estabelecidas com as professoras cooperantes ao longo do processo, revelaram-se uma mais-valia no que diz respeito à caracterização inicial do grupo e nas indicações construtivas para uma melhor e mais adequada intervenção.

Deste modo, através de todos estes instrumentos de recolha e análise, juntamente com o apoio dos vários intervenientes, como a orientadora de estágio e o par pedagógico, possibilitaram uma intervenção mais objetiva por meio de construção de intencionalidades educativas pertinentes, facilitando as aprendizagens e colmatando as dificuldades apresentadas.

III. INTERVENÇÃO

1. Caracterização dos contextos educativos

1.1. 1ºCiclo do Ensino Básico

A instituição

A instituição onde se realizou o estágio em 1º CEB era um estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo, de orientação cristã, a funcionar em regime de Paralelismo Pedagógico com dois níveis de educação: Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

A instituição era dotada de amplos espaços ao ar livre, preenchidos com extensas zonas verdes, de cultivo, mata e jardim, parques de recreio e campos de jogos para as crianças e alunos. Os espaços interiores continham uma capela, ginásio, cinco salas de Jardim de Infância com duas salas de apoio/recreio, dormitório, dez salas de aulas para o 1º ciclo com espaço de convívio dos alunos, biblioteca, sala de informática, mediateca, reprografia, sala de inglês, cozinha, refeitório, casas de banho, armazém e enfermaria. Também continham uma sala de piano, uma sala de ballet e o salão de festas.

Como finalidade educativa a instituição pretendia a “formação integral e construção progressiva do homem como ser original, livre e responsável, capaz de tomar decisões pessoais coerentes com o seu projeto de vida na perspetiva do respeito e desenvolvimento dos valores humanos e cristãos” (PE, 2013). A instituição promovia uma educação global que implicava o desenvolvimento harmonioso do ser humano nas dimensões individual, social e transcendente sendo que esta se deve “à nossa conceção de homem como ser aberto ao transcendente e ao desejo que temos de ajudar os alunos a descobrirem que esta dimensão lhes abre horizontes para a vivência e a interpretação da realidade pessoal do homem e do mundo” (PE, 2013).

A equipa pedagógica era composta pela Diretora Pedagógica, a Administradora, a Entidade Titular e a Direção. A Diretora Pedagógica é nomeada pela Entidade Titular, a Província Portuguesa do Instituto das Irmãs de Santa Doroteia. A Administradora era também nomeada pela Entidade Titular e exercia as suas funções na dependência direta da Diretora Pedagógica. A Entidade Titular era representada

perante os órgãos de governo da escola através da Diretora Pedagógica do Colégio. À Entidade Titular competia definir os objetivos da instituição, a sua estrutura orgânica, a forma de governo, gestão e organização. A Direção era constituída pela Diretora Pedagógica e por dois elementos do Corpo Docente, designados pela Entidade Titular. À Direção competia coadjuvar a Diretora Pedagógica no exercício das suas funções.

A turma

A turma do 1º CEB era constituída por 20 alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. Era uma turma heterogénea constituída por 13 alunos do género masculino e 7 alunos do género feminino. Neste grupo de alunos, 16 deles já tinham frequentado a instituição no ano anterior desde o início do ano letivo. Dos 4 alunos restantes, 3 foram transferidos de instituições públicas para a turma ainda durante o 1º ano, em diferentes períodos do ano, e 1 integrou a turma no início do ano letivo.

A maioria dos alunos residia no concelho de Vila Nova de Gaia estando distribuídos por 9 freguesias diferentes. A maior quantidade de alunos residentes na mesma freguesia coincidia com a freguesia onde a instituição estava localizada. No entanto, a maior parte dos alunos vivia fora da freguesia onde a escola se encontrava e dirigiam-se para a instituição principalmente de transporte particular.

Este era um grupo heterogéneo, na medida em que podíamos encontrar crianças com graus de maturidade muito distintos. O acompanhamento familiar diário que alguns elementos tinham, manifestava-se e repercutia-se no trabalho realizado.

Com base no contato direto, pode-se afirmar que o grupo era bastante recetivo às tarefas propostas, trabalhador, empreendedor e motivado para o processo de ensino-aprendizagem. Como crianças que eram, gostavam de uma aprendizagem ativa, revelando-se entusiasmados com atividades em grupo, aulas de campo e/ou tarefas novas que, eventualmente, podiam ser levadas para a sala de aula. Ao longo do tempo, os alunos iam relembrando hábitos de trabalho e regras essenciais de convívio e de organização na sala de aula.

Algumas das crianças a nível afetivo ainda revelavam algumas carências, demonstrando uma vontade de agir por si próprias, mas solicitando sempre o acompanhamento de um adulto.

Na turma havia alguns casos que solicitavam alguma preocupação.

O NP encontrava-se ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008 e manifestava muitas dificuldades em todas as áreas. Naquele momento ia lendo pequenas palavras,

pequenas frases, apesar de não ter consolidado os casos de leitura. O aluno empenhava-se na apresentação dos seus trabalhos, no entanto estava, ainda, muito dependente do adulto. Quando estava sozinho não realizava as atividades de forma independente. Relativamente à matemática também não tinha as competências que deveria ter, como por exemplo, não compreendia a sequência numérica. Havia muitos conteúdos de primeiro ano que tinham que ser trabalhados. Em estudo do meio, o aluno, apesar das suas limitações na interpretação, conseguia atingir os mesmos objetivos da turma. Em contexto de sala, era um pouco desorganizado mas tinha vindo a melhorar. Fora da sala, era onde o aluno revela comportamentos bastante desadequados havendo diariamente queixas do seu mau comportamento nos recreios, quer com alunos mais novos, quer com alunos mais velhos.

O GPS também estava ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008, necessitava de medidas educativas ajustadas ao seu perfil de funcionalidade. O aluno foi abrangido pelo Decreto-Lei 71/2009, que o protegia num regime especial de apoio educativo por sofrer de doença oncológica – leucemia linfoblástica aguda, diagnosticada em 13/12/2011. Após uma avaliação diagnóstica, pode-se constatar que o aluno estava aquém das competências trabalhadas pelo restante grupo. Nomeadamente, em português, expressava-se com muita dificuldade ao nível oral demonstrando um vocabulário pouco diversificado, articulando mal alguns fonemas, necessitando mesmo de terapia da fala. Reconhecia vogais e consoantes, no entanto os casos de leitura não estavam devidamente consolidados. Lia pequenas palavras com relativa facilidade, mas manifestava muita dificuldade na expressão escrita. Na matemática, apesar de também não estar ao nível do grupo, manifestava maior apetência. A sua maior dificuldade prendia-se na compreensão dos enunciados e na resolução dos problemas. No estudo do meio, não manifestava grandes lacunas, quando lhe eram lidos os enunciados, o aluno sabia resolver/responder.

O LP apresentava algumas dificuldades, não obstante mantinha um comportamento muito positivo em termos de trabalho. Este acompanhava bem a turma no que concerne ao ritmo de trabalho, sentia-se que estava motivado e com vontade em concluir tudo o que lhe era solicitado. No entanto, havia muitos momentos em que necessitava da presença do adulto para não se distrair. O aluno conseguia ler, no entanto, manifestava muita dificuldade em interpretar o que lia, assim como estruturar o seu pensamento para escrever. Não era capaz de organizar as suas ideias. Na matemática era onde revelava maior insegurança. Tinha muita dificuldade em expressar-se e relacionar-se com os seus pares, assim como com os adultos.

O DC foi acompanhado pela psicóloga institucional no ano anterior, continuava a manifestar muitas fragilidades na área da psicomotricidade, concretamente ao nível da organização perceptiva, coordenação visual-motora, desenho, recorte e, sobretudo, ao nível do grafismo e da caligrafia. É de salientar a necessidade que o aluno tinha em desenvolver um trabalho específico para melhorar a sua caligrafia. Assim, foi sugerido que o aluno exercitasse o movimento das letras e que fosse feito o ensino e treino da escrita manual cursiva. Além disso, precisava desenvolver a sua atenção e concentração. Tendo em conta os aspetos referidos considera-se relevante que os pais colaborassem neste trabalho, assim como o apoio para terapia ocupacional.

A RS incorporou a turma nesse ano, fez uma integração razoavelmente boa, adaptando-se às rotinas diárias com facilidade. Teve alguma dificuldade em criar laços com a turma, mas menos com a turma onde a irmã se encontrava. Brincava com a irmã e as amigas da irmã. Era uma criança muito insegura, necessitava da aprovação do professor para concretizar as tarefas pedidas. Relativamente ao português, a aluna lia com relativa facilidade, no entanto, nem sempre descodifica a mensagem. Na produção escrita dava muitos erros ortográficos e manifestava desorganização nas suas ideias. Utilizava um vocabulário pouco diversificado, pronunciando fonemas de forma errada. Frequentava a terapia da fala. Na disciplina de matemática, a aluna manifestava imensas lacunas. Não tinha adquiridas as noções básicas de primeiro ano. Não fazia praticamente nada sozinha, não conseguia acompanhar o ritmo do grupo. Foi pedido à encarregada de educação um trabalho acrescido, diário e sistemático. Foram, inclusive aconselhados alguns manuais de matemática de 1º ano para serem realizados fora do horário letivo. A aluna necessitava de consolidar muito bem os conteúdos de 1º ano para conseguir acompanhar o 2º ano.

1.2. 2º Ciclo do Ensino Básico

A instituição

A instituição onde foi efetuado o estágio em 2º CEB era sede de um Agrupamento de escolas em Vila Nova de Gaia, no distrito do Porto. Era um estabelecimento de ensino público que abrange as valências de 2º e 3º Ciclos e ainda ensino secundário. À instituição pertenciam 511 alunos do 2º CEB, 858 alunos do 3º CEB e 320 alunos do ensino Secundário perfazendo um total de 1689 alunos. Era composto por nove pavilhões, onde eram lecionadas as aulas e um pavilhão desportivo complementado por dois campos de jogos.

A instituição tinha como órgãos de Direção, Administração e Gestão, o conselho geral, o diretor, o conselho pedagógico e o conselho administrativo. Ao conselho geral cabia definir as linhas orientadoras da atividade da escola assegurando a participação e representação na comunidade educativa. Era composto por pessoal docente e não docente, encarregados de educação, representante dos alunos, município e comunidade local. O diretor era o órgão de administração e gestão do agrupamento de escolas nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. O conselho pedagógico assumia as funções de coordenação, supervisão pedagógica e orientação educativa do agrupamento. O conselho administrativo deliberava em matéria administrativo-financeira do agrupamento.

A instituição tinha como missão assumir a responsabilidade de educar e formar crianças e alunos, na promoção da cidadania, com sentido ético, ambição, competência, inovação e criatividade, respeitando a diversidade e a heterogeneidade dos alunos. Queria fundamentalmente

“(...)um agrupamento com que todos se identifiquem, que seja um efectivo espaço de inclusão, cooperação e partilha solidária e que represente efetivamente uma marca forte e decisiva no percurso de vida, de aprendizagem do exercício de cidadania, de crescimento pessoal, académico e profissional do seu público-alvo e de todos os seus agentes” (PE, p. 39).

Como metas educativas e objetivos, o agrupamento deseja promover uma cultura de agrupamento, exigência, cidadania e de participação familiar.

As turmas

Em contexto de 2º CEB, o estágio decorreu em três diferentes turmas. Duas turmas de 5º ano e uma de 6º ano. Cada turma tinha características muito distintas sendo importante fazer a sua caracterização.

A turma do 5º C era composta por 18 alunos, sendo 10 do género masculino e 8 do género feminino. A idade dos alunos estava compreendida entre os 10 anos e os 13 anos. Esta diferença de idades ocorria devido ao número de retenções a que alguns alunos foram sujeitos. Eram 5 os alunos que tinham sido retidos em diferentes anos escolares, 2 alunos no 2º e 4º ano; 2 alunos no 3º ano; 1 aluno no 5º ano. Nesta turma ainda se encontravam duas alunas com necessidades educativas especiais. Ambas requeriam de adequações curriculares individuais e apoio pedagógico personalizado, no entanto, uma aluna tinha dislexia/disortografia enquanto a outra aluna tinha défice de atenção, hiperatividade e dificuldades de aprendizagem.

Como só foi possível consultar as informações preliminares desta turma, não foi possível fazer uma caracterização mais aprofundada, no entanto, através de conversas informais com a professora cooperante e através da observação, constatou-se que o grupo de alunos pertencia a um grupo social médio-baixo.

A turma do 5º I era composta por 24 alunos, 18 do género masculino e 6 do género feminino. A idade dos alunos estava compreendida entre os 9 e os 14 anos. Tal como no 5º C, havia alguns alunos que tinham sido retidos: 9 alunos retidos um ano; 5 alunos retidos dois anos; 1 aluno retido 5 anos. Alguns alunos apresentavam negativas do ano anterior em disciplinas como Matemática, Inglês, Ciências Naturais, Educação Física, Educação Visual, Português, Educação Musical, Educação Tecnológica e História e Geografia de Portugal. A disciplina que os alunos menos gostavam era a de História e Geografia de Portugal, enquanto preferiam Matemática e Educação Física.

A maior parte dos alunos tinha a vontade de prosseguir com os estudos até ao Ensino Superior de forma a poderem ser veterinários, engenheiros, informáticos, comerciantes e futebolistas. Este grupo de alunos dizia ocupar os tempos livres entre navegar na internet, encontros com amigos, ouvir música, ver televisão, jogar computador e praticar desporto.

Relativamente ao agregado familiar, a maior parte dos alunos vivia com os dois pais. No entanto havia dois alunos que viviam com os irmãos e um aluno que vivia somente com a mãe.

A idade dos pais e mães variava entre os 29 e os 47 anos sendo todos de nacionalidade portuguesa. As suas habilitações académicas também eram diversas: 3 com 1º CEB; 14 com 2º CEB; 10 com 3º CEB; 16 com Ensino Secundário; 1 com Licenciatura; 4 tinham formação desconhecida. Relativamente à situação profissional, 35 encontravam-se a exercer alguma atividade enquanto 6 estavam desempregados. Quatro pais e uma mãe encontravam-se em situação desconhecida e duas mães eram domésticas.

A turma do 6º A era a turma mais diferente do conjunto. Era constituída por 24 alunos, 11 do género masculino e 13 do género feminino. A turma era composta por 7 alunos com 10 anos e 17 alunos com 11 anos. Na sua maioria, os alunos não tiveram negativas no ano anterior, apenas 2 alunos tiveram negativa; um a Português e outro a Matemática. As suas disciplinas favoritas variavam entre Matemática, Educação Física e Ciências Naturais. No entanto as disciplinas que os alunos menos preferiam eram Português, Inglês e Educação Visual.

Todos os alunos pretendiam seguir os estudos até ao Ensino Superior de modo a conseguir exercer profissões tais como, técnico eletrónico, professor de educação física, médico, futebolista, fisioterapeuta, explorador, cientista e atleta/músico. Relativamente aos tempos livres, os alunos privilegiam atividades tais como ir ao cinema, passear, encontrar-se com amigos, navegar na internet, ouvir música, ver televisão, ler, jogar computador e praticar desporto.

Relativamente ao agregado familiar, os alunos vivem com os dois pais e alguns com os irmãos.

A idade dos pais e mães varia entre os 40 e os 59 anos sendo todos de nacionalidade portuguesa. As habilitações académicas também são diversas: 1 sem formação; 1 com formação desconhecida; 7 com 1º CEB; 3 com 2º CEB; 11 com 3º CEB; 11 com Ensino Secundário; 4 com Bacharelato; 9 com Licenciatura; 1 com Doutoramento. Quanto à situação profissional, 38 encontravam-se a exercer alguma atividade enquanto 5 estão desempregados. Havia uma mãe que era estudante e 3 que eram domésticas.

2. Caracterização da intervenção

Intervenção nos contextos de 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

Debruçar-nos-emos, neste capítulo, sobre a intervenção nos contextos de 1º e 2º CEB. Assim, neste capítulo, serão trabalhadas as dimensões de observar, planear, agir e avaliar, componentes deste processo interventivo.

2.1. Observar/Preparar

“Observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objecto para dele recolher informações.” (Ketele, 1980, p.27 cit. in Domas&Ketele, 1985, p.11)

Os períodos de estágio foram iniciados com pequenos períodos dedicados apenas à observação. Foram utilizados alguns instrumentos como os diários de bordo e registo de incidente crítico (anexos A e S). Este tempo teve como objetivo observar as estratégias e metodologias adotadas pelos professores cooperantes, assim como observar as turmas, os seus comportamentos, reações e ainda o ambiente envolvente.

“O professor, para poder intervir no real de modo fundamentado terá de saber observar e problematizar” (Estrela, 1994, p.26). Tal como afirma Estrela (1994), é importante que esta observação seja feita para conhecermos a realidade onde estamos inseridos. Só assim se pode preparar a atividade pedagógica de forma a ir ao encontro de cada aluno e das suas necessidades. Uma vez que a observação antecedia as intervenções pedagógicas com os grupos, foi realizada uma observação participante, de forma a haver uma participação e envolvimento na vida dos grupos de alunos. Mais uma vez Estrela (1994) reforça a importância da observação,

“ Só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento. A identificação dos princípios variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas à prossecução dos objetivos visados. Só a observação dos processos desencadeados e dos produtos que eles originam poderá confirmar ou infirmar o bem fundado da estratégia escolhida” (Estrela, 1994, p.128).

Desta forma, foi importante selecionar os instrumentos de observação para poder fazer o registo. Assim, optou-se pelos registos de incidentes críticos e registos fotográficos. Estes instrumentos foram uma forma rápida para fazer o registo, uma vez que em alguns momentos, os professores estagiários podiam encontrar-se a participar com os alunos e queriam que o registo fosse feito o mais rápido e eficazmente possível. No entanto, estes instrumentos serviam como base de reflexão da atividade pedagógica. Estas observações e registos ajudaram também o professor estagiário a conseguir conhecer os alunos na sua individualidade. Como mencionado no enquadramento teórico, todos os alunos são diferentes e é importante que o professor conheça cada um deles. As suas características, dificuldades, gostos, de forma a conseguir chegar a cada um. Apenas através deste conhecimento, o professor poderá posteriormente planificar a sua atividade de forma diferenciada.

Falta ainda mencionar a elaboração de diários de bordo, concretizados no início do período de estágio em cada contexto direcionados para a observação das aulas dos professores cooperantes. Estes registos tinham como objetivo conhecer a prática pedagógica utilizada pelos professores cooperantes para que a ação do professor estagiário fosse adequada ao contexto e ao professor cooperante. Estes registos foram mais essenciais no 2º CEB, uma vez que o professor estagiário trabalhava com quatro professores cooperantes ao mesmo tempo, tendo cada um a sua prática.

Toda a observação tinha como finalidade a intervenção no contexto. Desta forma a informação observada era utilizada como base para poder planificar a ação educativa.

2.2. Planear/Planificar

Após as duas semanas dedicadas à observação em cada contexto, havia a necessidade de planificar cada intervenção do professor estagiário. A planificação também é fundamental para o trabalho do professor. É através da planificação que o professor organiza e estrutura todo o processo de aprendizagem do aluno, “A planificação tem por objetivo determinar o que se deve fazer, a fim de, posteriormente, se tomarem decisões práticas.” (Kaufman, 1980, cit in Arends, 1995, p.17).

No 1º CEB, as semanas de intervenção eram alternadas entre o par pedagógico, fazendo com que fosse possível preparar as intervenções seguintes, assim como dedicar mais tempo à observação. As intervenções eram feitas ao longo de três dias por semana durante o tempo letivo. Durante as intervenções, eram os professores estagiários que assumiam a responsabilidade pela turma. Para cada semana de intervenção, era elaborada uma planificação para cada dia, tendo em conta as diferentes áreas curriculares. (Anexo C)

As planificações eram elaboradas, pensando em atividades de acordo com a programação semanal da professora cooperante, o manual escolar, o Programa Nacional, as Metas Curriculares e ainda os gostos e interesses dos alunos. Planificava por área de conteúdo dividindo as diferentes áreas, tentando sempre fazer com que houvesse uma interdisciplinaridade durante as atividades. Estas planificações eram em grelha abordando a área, o domínio, os conteúdos, descritores de desempenho, metas de aprendizagem, atividades/estratégias, recursos, tempo e avaliação. Como já referido anteriormente, o ponto das atividades/estratégias tinha em vista ir ao encontro do programa e das metas preenchendo os campos do domínio, conteúdos, descritores de desempenho e metas de aprendizagem. Nos campos dos recursos e tempo encontrava os materiais que seriam necessários para a atividade e o tempo necessários, de forma a gerir o tempo de aula.

Para complementar a planificação, construíamos diariamente uma operacionalização. Na operacionalização fazia-se uma descrição detalhada da forma como o professor estagiário gostaria que as atividades se desencadeassem.

No 2º CEB, as intervenções eram realizadas semanalmente e por disciplina. Como o professor estagiário tinha que intervir nas quatro disciplinas, numa semana intervinha nas disciplinas de História e Geografia de Portugal e Matemática, e na semana seguinte nas disciplinas de Português e Ciências Naturais.

Relativamente ao modelo das planificações, estas tinham as mesmas características que as planificações elaboradas no 1º CEB, grelha e operacionalização. No entanto para a disciplina de matemática era elaborada uma planificação de forma diferente. O departamento de Matemática da instituição utilizava uma configuração diferente das planificações. Assim foi utilizado esse modelo para planificar as intervenções na disciplina de Matemática. Como se pode comprovar no anexo R, na grelha da planificação estavam presentes o Domínio, Subdomínio, o Objetivo Geral, os Descritores, os Recursos/Materiais, Atividades e o Tempo. Neste caso, o Domínio e o Subdomínio eram preenchidos tendo como base o Programa de Matemática do 2ºCEB, o Objetivo Geral e os Descritores eram completados com base nas Metas Curriculares.

As planificações eram sempre elaboradas tendo como propósito final a aquisição de conhecimentos por parte de cada aluno. Durante a elaboração de cada planificação, o professor estagiário tinha sempre em mente a diversidade de alunos e procurava diversificar as atividades para conseguir chegar a cada um. Para que isto fosse possível, era importante haver uma flexibilidade na planificação.

O tempo foi um fator desafiante na elaboração e concretização da planificação. Enquanto no 1º CEB conseguíamos gerir melhor o tempo, uma vez que a intervenção durava o dia todo e as diferentes áreas estão sobre o mesmo professor, no 2º CEB as intervenções eram de 50 ou 100 minutos, sendo que no final desse tempo os alunos mudavam de registo.

Após nos termos debruçado sobre a importância da planificação, será importante ver como esta era transportada para a ação.

2.3. Agir/Intervir

1ºCEB

As intervenções eram os momentos em que o professor estagiário se relacionava mais diretamente com a turma. Com a prática foi possível perceber melhor as dificuldades e fragilidades de cada um, assim como os seus gostos e pontos fortes. Durante este período foram implementadas várias estratégias e métodos de forma a motivar os alunos, tendo em vista a apreensão dos conteúdos no processo de ensino-aprendizagem.

A diversificação de estratégias tinha também como objetivo ir ao encontro dos gostos dos alunos para que nos pudéssemos aproximar mais deles, construindo uma relação com cada um. Esta relação era importante para conhecer cada aluno, os seus gostos e interesses mas principalmente as suas fragilidades e dificuldades. Assim, o professor estagiário planificava e intervinha, diferenciando a intervenção com cada aluno indo ao encontro das suas dificuldades, fazendo com que estes se sentissem motivados e empenhados para a aquisição de novas aprendizagens. "... os alunos com atitudes positivas para com os professores e as escolas têm notas mais altas e melhores resultados em testes padronizados" (Bergin e Bergin, 2009, cit in Silva e Lopes, 2010, p.63). Podemos então ver a importância desta relação, uma vez que havendo uma relação positiva entre o professor e o aluno, o aluno terá uma atitude mais positiva, refletindo-se no seu sucesso escolar. Durante uma das atividades no (anexo A), o aluno estava com algumas dificuldades em resolver uma parte do exercício. A interação que o professor estagiário teve com o aluno naquele momento, indo ao encontro dos seus interesses, fez com que este compreendesse o que era pedido. Verificou-se ainda que o aluno continuou a trabalhar com uma maior motivação e interesse.

A Prática Supervisionada assumiu ser bastante relevante ao nível das oportunidades de experimentações. O período de estágio foi muito importante para estas experimentações, uma vez que se conseguiu perceber se a teoria resultava ou não na prática. Algumas experiências tiveram impactos mais positivos, outras indicaram o que não deve ser feito e outras revelaram que devem fazer-se algumas alterações para que a atividade resulte em aprendizagens significativas.

Durante o estágio, tivemos algumas situações em que tal aconteceu. Numa atividade da área da Matemática (1ºCEB), foi proposto a cada aluno construir o enunciado de um problema. Foi-lhes apresentado um conjunto de imagens de brinquedos com o respetivo preço e a partir daí eles teriam que escolher três brinquedos e criar um problema. Uma atividade semelhante a esta já tinha sido feita previamente em grande grupo. Assim que o professor estagiário percebeu as dificuldades dos alunos, recorreu a alguns exemplos de modo a demonstrar mais uma vez o que era pedido. À medida que os alunos iam construindo o enunciado, percebeu que se focaram nos exemplos que tinham sido dados e só alteraram pequenos aspetos do problema, como por exemplo, o mesmo enunciado, mas com três bonecos e preços diferentes ao exemplo dado. Assim, percebeu que os alunos não eram capazes de criar os próprios enunciados. Este era um aspeto que tinha que ser mais trabalhado com os alunos. Antes

de pedir ao aluno que faça uma determinada tarefa, temos que conhecer e saber se será ou não capaz de concluir a tarefa. A atividade não teve o resultado esperado, mas se não tivesse sido feita a atividade, não se iria refletir acerca do sucedido.

Durante outra atividade, um dos exercícios do manual de Português consistia num breve resumo do texto que tinha sido trabalhado. Na correção do exercício, o professor estagiário percebeu que havia dificuldade na sua concretização. Numa atividade seguinte, sabendo da dificuldade dos alunos na construção de um resumo e aproveitando a presença do par pedagógico e da professora titular, foi planificada uma atividade que consistia na divisão da turma em três grupos ficando cada professor a orientar a construção do resumo nos grupos. Com a moderação dos professores, os alunos discutiam o que era essencial e contruíram o resumo. Cada aluno ia escrevendo o resumo no caderno e, no final, escolheram um aluno para redigir o texto numa folha predefinida com o objetivo de afixar na sala com o nome de cada participante.

Como já foi referido anteriormente, foram usadas diferentes estratégias. Uma delas foi uma atividade experimental na área de estudo do meio relativamente ao ar (anexo B). O objetivo da atividade era que os alunos se apercebessem da existência do ar em todo o lado. Pode não ser visível, mas ele encontra-se lá. Durante a atividade os alunos puderam experimentar a presença do ar dentro de uma seringa, dentro de uma garrafa e ainda dentro de um copo virado para baixo mergulhado dentro de uma taça com água. A visualização dos acontecimentos ajudou os alunos a perceberem a existência e presença de algo que não é visível. As atividades experimentais são um bom meio para produzir aprendizagens significativas.

Também realçamos a importância das novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem. Estas tecnologias, quando usadas com esta finalidade, podem revelar-se muito produtivas. Durante o período de estágio recorreu-se ao quadro interativo para apresentar e acompanhar novas aprendizagens. Quando a atividade era realizada no quadro interativo, notava-se uma maior atenção e interesse dos alunos. A participação era sempre mais frequente, pois quase todos os alunos queriam ir ao quadro para resolver o problema. Uma das atividades mais comuns era a projeção do manual no quadro interativo durante a correção dos exercícios em grande grupo. Por vezes, após os alunos resolverem individualmente as atividades, fazia-se a correção em grande grupo. O manual ou ficha de trabalho era projetado e eram resolvidos os exercícios no quadro deixando tempo para os alunos corrigirem o próprio trabalho.

O trabalho individual era a principal forma de trabalho principalmente para consolidar os conteúdos. Estas atividades eram realizadas através de fichas de trabalho construídas com essa finalidade (anexo E) ou trabalhando com o manual e os respetivos cadernos de atividades.

Uma das maiores preocupações durante o estágio foi conciliar o ritmo de cada aluno com o tempo necessário para a concretização de cada tarefa. Cada aluno tem o seu próprio ritmo de aprendizagem e de trabalho. O professor, numa turma com vinte alunos, encontra uma grande diversidade. Enquanto uns alunos terminam as tarefas rapidamente, outros demoram mais tempo a completa-las. A gestão do tempo foi um aspeto que teve que ser melhorado ao longo do estágio.

2º CEB

No 2º CEB, em cada disciplina foram utilizadas várias estratégias consoante o tema a lecionar, conteúdos abordados e os alunos.

Como referido na caracterização, no 2º CEB o professor estagiário e o seu par pedagógico tiveram a seu cargo três turmas muito diferentes entre si. Como foi possível analisar anteriormente, a turma do 6ºA (Português e História e Geografia de Portugal) encontrava-se a um bom nível de desempenho, a do 5ºC (Matemática) era composta, na sua maioria, por alunos com algumas dificuldades, encontrando-se a um nível mediano e a turma do 5ºI (Ciências Naturais) além de ser bastante numerosa, os alunos tinham muitas dificuldades e comportamentos desadequados.

Na disciplina de Ciências Naturais houve a oportunidade de intervir de formas muito diversificadas. Como se pode comprovar pelas planificações (anexo F) as atividades variavam entre atividades experimentais, aulas laboratoriais, construção de cartazes, visualização de vídeos e apresentações de PowerPoint. Nesta turma, o professor estagiário procurava utilizar estratégias de carácter mais prático, tentando ir ao encontro das vivências dos alunos.

Uma atividade significativa para a construção de conhecimentos foi realizada através de uma apresentação PowerPoint sobre a metamorfose. Para esse conteúdo, o professor estagiário preparou um conjunto de imagens e vídeos que mostravam as sucessivas transformações da rã e da borboleta e utilizou uma abordagem mais expositiva. Este conteúdo despertou o interesse dos alunos, levando-os a questionar o professor de forma incessante mostrando vontade em adquirir uma aprendizagem mais significativa.

A construção do cartaz (anexo G) serviu para consolidar os conteúdos lecionados tendo sido elaborado no final da aula. Esta foi mais uma atividade prática que ajudou a apreender os conhecimentos.

Foi também realizada uma atividade experimental (anexo H) para que os alunos pudessem presenciar a influência dos fatores abióticos na germinação de uma planta com flor. A atividade decorreu ao longo de duas semanas, durante as quais a turma era responsável por regar as plantas e podiam observar o seu crescimento.

Uma das atividades práticas consistiu numa atividade laboratorial. Esta atividade permitiu que os alunos construíssem o seu conhecimento partindo da observação microscópica de células animais.

As apresentações em PowerPoint foram um recurso bastante utilizado ao longo das intervenções, uma vez que a utilização de imagens cativava os alunos e apelava aos seus conhecimentos prévios. No entanto, também foi utilizado para apresentar um conjunto de curiosidades relativamente a plantas mais exóticas que os alunos desconheciam.

A turma da disciplina de Matemática era uma turma mediana com algumas dificuldades. Nesta turma estavam presentes duas alunas com necessidades educativas especiais. Ao planificar as atividades era importante ir ao encontro das necessidades de cada aluno. Nesta turma o professor estagiário tinha o cuidado de proporcionar uma atenção individualizada a cada aluno. As aulas nesta turma tinham por norma uma duração de 100 minutos o que possibilitava esta individualização. Os conteúdos eram abordados no início da aula, utilizando esquemas e quadros de forma a organizar o conhecimento e, em seguida, eram realizados exercícios de consolidação. Enquanto os alunos realizavam os exercícios, o professor estagiário ia ao encontro das dificuldades de cada aluno. (anexo I)

Alguns conteúdos na disciplina de Matemática conseguem ser difíceis de se compreender, pois requerem uma imaginação mais abstrata. No entanto, foi possível recorrer às tecnologias de informação e comunicação para demonstrar alguns desses processos.

Foi ainda planificada uma atividade mais lúdica semelhante ao bingo, (anexo J) mas abordando os divisores dos números. A partir de um determinado número aleatório os alunos encontravam os seus divisores e registavam-nos no cartão até conseguirem preenche-lo.

As aulas da disciplina de Português mantinham uma estrutura muito semelhante às aulas do professor cooperante. Eram aulas mais expositivas e interrogativas. Expositivas na introdução de novos conteúdos, usando por vezes como suporte PowerPoint ou escrita no quadro, com informação estruturada que posteriormente era registada no caderno (anexo K). Numa vertente interrogativa, de forma a levar os alunos a construir o próprio conhecimento. Estas aulas eram sempre repartidas de modo a haver uma primeira parte dedicada à exposição de novos conteúdos e posterior resolução de exercícios para apreender esses conhecimentos. Estas estratégias resultavam na turma do 6ºA, uma vez que esta turma mostrava interesse e motivação pela construção do conhecimento.

Privilegiavam-se sempre momentos de leitura durante a aula de português, assim, o professor estagiário optava por repartir a leitura do texto por vários alunos. Esta estratégia forçava os alunos a seguirem a leitura, uma vez que iria chegar a sua vez de ler. Estes mantinham a sua atenção e concentração na tarefa.

Posteriormente, eram realizados exercícios de interpretação dos textos lidos ou exercícios de revisões do conhecimento explícito da língua. Alguns exercícios eram realizados oralmente, em grande grupo, com registo no caderno, selecionando um dos alunos que levantava o braço para responder, ou direcionando a pergunta a um aluno em particular. Outros exercícios eram elaborados individualmente e no final de um determinado tempo, o professor estagiário ouvia as respostas dadas pelos alunos e selecionava a que estava mais completa, para ser redigida no quadro e copiada para os cadernos diários. Estas estratégias eram estratégias executadas pelo professor cooperante e por nós e resultavam com esta turma, devido ao nível de maturidade e autonomia que os alunos detinham.

No âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, as aulas eram lecionadas usando como suporte o PowerPoint com imagens de jornais, vídeos, testemunhos, fotografias (Anexo L). Estes materiais serviam como elemento motivador, pois eram fotografias, vídeos e testemunhos reais dos acontecimentos, sendo os alunos cativados por uma realidade desconhecida. Estas aulas eram expositivas, havendo sempre vários momentos de diálogos com os alunos.

Ainda no âmbito da disciplina de História e em parceria com a biblioteca da escola, foi desenvolvido um projeto com recurso às tecnologias de informação e comunicação. A utilização da tecnologia na educação pode estar presente tanto do lado

do professor, na transmissão de conhecimentos, como podem ser utilizadas pelos alunos na construção da sua própria aprendizagem (Costa et al, 2007).

O projeto consistia na realização de trabalhos de grupo sobre a biografia de uma personalidade do século XX que estivesse relacionada com o 25 de Abril e a ditadura militar, utilizando um *software* informático específico, o Timeglider (anexo M). Através deste *software* era possível criar uma linha de tempo e o objetivo era a construção da biografia, marcando os períodos dos acontecimentos.

A pareceria com a biblioteca tinha lugar a vários níveis, nomeadamente na realização dos trabalhos de aula no espaço da biblioteca e era utilizado o *blog* da biblioteca (anexo N) para transmitir informação aos alunos assim como para fazer a entrega dos trabalhos após a sua realização.

2.4. Avaliar

Iniciemos pela definição do conceito de avaliação. Contudo, é relevante salientar que este é um conceito definido por muitos e de diversas formas. A avaliação pode ser definida como “processo de determinação de mérito ou valor de entidade, sendo as avaliações o produto desse processo (Scriven, 1994, p.152). Tendo em consideração o contexto educativo, será importante observar a definição presente no Decreto-Lei nº 74/2004. “A avaliação consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos.”

A avaliação está presente durante todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A avaliação pode, quanto à sua função, ser diagnóstica, formativa ou sumativa. A avaliação diagnóstica deve ser realizada no início da atividade. Assim como o próprio nome indica, a avaliação diagnóstica serve para diagnosticar, ver o ponto da situação em que os alunos se encontram, para a partir daí trilhar o caminho a percorrer. A avaliação formativa é realizada ao longo do processo de ensino, de forma a regular o processo, esta avaliação serve para indicar ao professor e ao aluno a posição em que se encontram. A avaliação sumativa é aplicada no final da atividade atribuindo uma classificação. “A avaliação sumativa consiste num balanço do que o aluno aprendeu, num juízo globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos, competências, capacidades e atitudes do aluno” (Lemos et al, 1994, p.30).

Seguindo as palavras de Lemos (1994), a avaliação está presente durante todo o processo de ensino-aprendizagem do aluno, fazendo com que esta seja contínua. Esta avaliação contínua tem em vista ajudar os alunos na sua evolução.

É também necessário referir que “nenhum dos profissionais que trabalha numa instituição faria o mesmo tipo de avaliação no caso de ser responsável por uma atividade particular com um aprendiz que estivesse titulando” (Guerra, 2003, p.107). Quando se faz uma avaliação, tenta-se que esta seja o mais objetiva possível. Quer-se uma avaliação igual para todos. Os objetivos, testes, provas, podem ser os mesmos, no entanto, diferentes examinadores classificam de maneira diferente e ainda o mesmo examinador avalia de forma diferente em diferentes momentos. Desta forma, é importante que quando se defina os objetivos, estes estejam definidos de forma a qualquer que seja o examinador ou o momento da avaliação, a avaliação seja o mais objetiva possível.

Durante o período de estágio foi possível aplicar a avaliação diagnóstica na introdução de novos conteúdos, direcionando a intervenção de forma a poder proporcionar aos alunos aprendizagens significativas. A avaliação formativa estava constantemente presente em cada atividade, pretendendo-se desenvolver as capacidades e competências dos alunos e evidenciar as suas dificuldades. Ao longo do estágio houve a oportunidade de realizar variadas fichas formativas com este objetivo.

A avaliação sumativa dos alunos era, na sua maioria, realizada através das fichas de avaliação. No 1º CEB, as fichas de avaliação eram realizadas pela professora cooperante, uma vez que trabalhava como par pedagógico com outra professora do 2º ano. Assim, apenas foi possível observar nos momentos de avaliação sumativa.

No 2º CEB, foi possível elaborar, aplicar, corrigir e classificar um teste de avaliação na disciplina de Ciências Naturais. Este trabalho, desenvolvido em par pedagógico, demonstrou ser uma tarefa complexa, uma vez que a formulação e correção implicam um robusto conhecimento científico-pedagógico (anexos O e P).

A prática pedagógica implica ainda que haja uma autoavaliação do professor. Desta forma, no final de cada semana de intervenção no 1º CEB, o professor estagiário realizava uma autoavaliação da sua prática (anexo C).

No 2º CEB, esta componente foi elaborada através de reflexões mais temáticas. Estas reflexões eram elaboradas consoante as intervenções e a necessidade de reflexão acerca de um determinado tema.

As autoavaliações ajudavam o professor a refletir, ponderando os aspetos positivos e os que podiam ser melhorados. Esta autoavaliação mostrou ser muito importante e era através dela que o professor estagiário melhorava a sua intervenção seguinte. Tal como Carlos Rosales (1991) afirma, avaliar é refletir.

Concluída a componente de cariz mais prática do documento, avançar-se-á para o capítulo final, de carácter reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta última componente do presente documento consta de uma reflexão sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, tendo por base a experiência vivenciada ao longo da Prática Supervisionada.

À luz do Decreto-Lei nº240/2001 de 30 de Agosto, o perfil de desempenho de professores, enuncia quatro dimensões que constituem o respetivo perfil. Essas quatro dimensões são as seguintes: Dimensão profissional, social e ética; Dimensão de desenvolvimento de ensino aprendizagem; Dimensão de participação da escola e de relação com a comunidade; Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Relativamente à Dimensão profissional, social e ética, importa definir a noção de ética, assim Baptista (2005) afirma que ética é: "...a reflexão sobre os princípios que devem nortear a acção humana" (Baptista, 2005, p. 22). No entanto, quando relacionamos a ética com a dimensão profissional estamos a proclamar outro conceito, a deontologia. Assim, a deontologia, segundo Baptista (2005) é "uma moral estritamente profissional", ou seja, "um conjunto de deveres, de compromissos morais, assumidos por um grupo de pessoas no exercício de uma determinada actividade profissional" (Baptista 2005, p.24). Posto isto, compreende-se que existem direitos e valores que devem estar inscritos no perfil do docente. Segundo Cardoso (2013), o professor deve ser detentor de valores como a honestidade, a isenção, o altruísmo e a solidariedade. Tendo por base a experiência de estágio, acrescenta-se a esta enumeração os valores da justiça e respeito.

Comparativamente, a Dimensão de desenvolvimento de ensino aprendizagem, esta foi a dimensão que norteou a prática pedagógica, no sentido em que, como afirma Cardoso (2013) "...a preocupação do professor deverá ser a de ter a certeza que os alunos realmente aprenderam." (Cardoso, 2013, p.92). Como se compreende pelo título deste documento, o desafio detém-se em encontrar as estratégias que possibilitem a aprendizagem de todos. Esta preocupação e olhar sobre a educação deve estar bem consagrada no perfil do professor.

Analogamente, na Dimensão de participação da escola e de relação com a comunidade, a experiência vivenciada na prática possibilitou uma melhor compreensão desta dimensão. Durante a Prática Supervisionada surgiu a oportunidade de participar no evento da Feira Medieval (anexo T). Este evento foi organizado pela instituição com

o auxílio de toda a comunidade (docentes, não docentes, familiares, Junta de Freguesia, Câmara Municipal e instituições privadas). A Feira Medieval decorreu durante três dias e o ambiente de partilha, cooperação e cultura foi vivenciado por todos. Tal experiência reforça a ideia de que a escola deve fazer-se sentir na comunidade, isto é, a escola deve abrir as suas portas à comunidade e agir para/com ela.

Aliás, como afirma Cardoso (2013), a escola deve ter uma ligação permanente com a sociedade.

Por fim, a Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida, esta deve estar presente em todas as deontologias profissionais, na medida em que o mundo se encontra em constante mudança.

Como podemos verificar no dia-a-dia, vivemos numa sociedade que está em constante evolução. Um dos maiores saltos evolutivos que podemos verificar é ao nível tecnológico. Em pequenos períodos de tempo, a tecnologia mais avançada passa a estar desatualizada. Isto faz com que a sociedade se tenha que ir adaptando a estas evoluções. Essas evoluções foram tão significativas que chegamos a uma sociedade que já está tão habituada à tecnologia e que não saberia como viver sem ela (Veen & Vrakking, 2006). As nossas rotinas, tempos livres, ocupações, começam a estar dependentes dessa mesma tecnologia. Comunicamos através do telemóvel, *e-mail*, passamos tempo nas redes sociais e chats a confraternizar, temos a nossa agenda de trabalho, anotações no telemóvel, fazemos compras, transferências, viagens a partir de qualquer lugar.

Estas mudanças têm impacto nas escolas também. Os alunos que encontramos nas escolas são alunos que nasceram nesta era tecnológica. Estes são alunos que não saberiam sobreviver sem tecnologia. Enquanto professor, e uma vez que nos encontramos com alunos que nascem numa era tecnológica, o que é que fazemos para lidar com esta diferença?

Veen & Vrakking (2006, p.28) dizem que "... students nowadays demand new approaches and teaching methods in order to keep their attention and motivation to work at school." Então há a necessidade de o professor adaptar as estratégias e métodos para ir ao encontro dos seus alunos. Há que tirar proveito das tecnologias para o ensino como meio de motivação e trabalho. Foi precisamente com base nestas evidências que se desenvolveu o projeto do Timeglider, referido anteriormente.

Contudo, o professor só consegue tirar partido das tecnologias se as dominar, o que implica formação contínua.

Finda esta breve reflexão sobre as dimensões que compõem o perfil do professor, passar-se-á para uma reflexão sobre o docente generalista, com base no artigo de Ferreira & Assunção (2013).

Um dos pontos negativos quanto aos professores de dupla habilitação é o facto de alguma especialização em áreas disciplinares distintas se poder perder, ou não se aprofundar, dada a generalidade da formação. No entanto, são muitas as vantagens desta formação.

É verdade que a especialização nas diversas áreas não é tão forte quanto a especialização em apenas uma área, no entanto cabe ao professor fazer esse reforço de forma a autonomamente adquirir as competências necessárias. A formação de professores não termina no final de ciclo de estudos. Tal como referido anteriormente, no Decreto-Lei 240/2001, a Dimensão do desenvolvimento profissional é ao longo da vida. O professor deve encontrar-se em constante formação. Desta forma, esse que seria o ponto negativo na formação em dupla habilitação, não será tão relevante quanto isso.

Por outro lado, temos várias vantagens desta formação. Uma das vantagens será o conhecimento que se tem dos dois contextos educativos. Um dos pontos que ainda hoje é referido é a transição entre o 1º e o 2º CEB, uma vez que esta assume ser uma mudança muito grande para o aluno devido às suas diferenças. Tendo um conhecimento de ambos os contextos, o professor de dupla habilitação consegue gerir uma transição bem-sucedida de um ciclo para o outro.

Se no 1º CEB se valoriza o carácter lúdico, no 2º CEB é o formalismo que impera. O professor de dupla habilitação, conhecendo as duas realidades, encontra-se em vantagem para combater estas dificuldades.

Para concluir esta teia de pensamentos e de considerações, e atendendo à temática deste documento, ficamos com a certeza de que, como afirma Silva & Lopes (2010), o professor faz a diferença.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill.
- Bodgan, R & Biken, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação- Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Bransford, D. Brown, L. & Cocking, R. (2000). *How people learn: brain, mind, experience and school*. Washington: National Academy.
- Cardoso, J. (2013). *O professor do futuro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Costa, F. Peralta, H. & Viseu, S. (2007). *As tic na educação em Portugal: concepções e práticas*. Porto: Porto Editora.
- Damas, M. & Keteke, J. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Almedina
- Duarte, A. (2012). *Aprender melhor: aumentar o sucesso e a qualidade da aprendizagem*, Lisboa, Escolar Editora.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*, Porto: Porto Editora.
- Ferreira, A. Assunção, A. (2013), Problematizar a Educação: Um Testemunho na Construção da Profissionalidade, *Saber & Educar*, N.º18, 60-67
- Gardner, H. (2010). *Inteligências múltiplas: ao redor do mundo*. Porto Alegre, Artmed
- Guerra, M. (2003). *Uma seta no alvo*, Edições ASA, Porto.
- Lemos, V. Neves, A. Campos, C. Conceição, J. & Alaiz, V. (1994). *A nova avaliação da aprendizagem: o direito ao sucesso*. Lisboa: Texto Editora.
- Lieury, A. (2001). *A Inteligência da Criança*, Lisboa: Editorial Presença
- Pacheco, J. (1995). *O Pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora
- Papalia, D. Olds, S, Felfman, R. (2001). *O Mundo da Criança*, Lisboa: Editora McGraw.
- Perfeito et al (2011), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora.
- Quivy, R & Campenhoudt, L. (1995). *Manuel de investigação em ciências sociais*. Lisboa:Gradiva.
- Scriven, M. (1991). *Evaluation Thesaurus*, (4ª edição). Newbury Park, CA: Sage
- Silva, H. & Lopes, J. (2010). *O professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel.
- Silva, H. & Lopes, J. (2015). *Eu, professor pergunto*. Lisboa: Pactor.
- Silver, H. Strong, R. & Perini, M. (2010). *Inteligências múltiplas e estilos de aprendizagem: para que todos possam aprender*. Porto: Porto Editora.

Tomlinson, C. (2008). *Diferenciação pedagógica e diversidade: Ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidades*, Porto: Porto Editora.

Veen, W. & Vrakking, B. (2006). *Homo zappiens: Growing up in a digital age*. London: Network Continuum.

LEGISLAÇÃO

Ministério da Educação. (2001) Decreto-Lei nº 240/2001. Diário da República, 1ª Série – nº 201 de 30-08-2001, Portugal.

Ministério da Educação. (2001). Decreto-Lei nº 241/2001. Diário da República, 1ª Série – nº 201 de 30-08-2001, Portugal.

Ministério da Educação. (2004). Decreto-lei nº74/2004. Diário da República, 1ª Série – nº73 de 26-03-2004, Portugal

Ministério da Educação. (2008). Decreto-lei nº 3/2008. Diário da República, 1ª Série – nº4 de 07-01-2008, Portugal

Ministério da Educação, (2009) Decreto-lei nº 71/2009. Diário da República, 1ª Série – nº151 de 06-08-2009, Portugal

DOCUMENTOS DAS INSTITUIÇÕES

Regulamento Interno

Plano Anual de Atividades

Projeto Educativo

ANEXOS

Anexo A – Relação aluno-professor

Nome da Criança: M.

Idade: 7 anos

Observador: Professor estagiário

Incidente: O aluno estava com dificuldades em resolver o exercício no qual lhe era pedido para dizer quantos lados tem um pentágono. O aluno não estava a conseguir identificar a figura geométrica. Desta forma, e sabendo do seu gosto e interesse pelo clube de futebol, fiz a ligação de penta ao número de campeonatos ganhos consecutivamente. Penta campeão e pentágono têm em comum cinco. Assim como um clube penta campeão tem cinco títulos (consecutivos), o pentágono tem cinco lados. A partir deste momento o aluno mostrou um maior interesse pela tarefa.

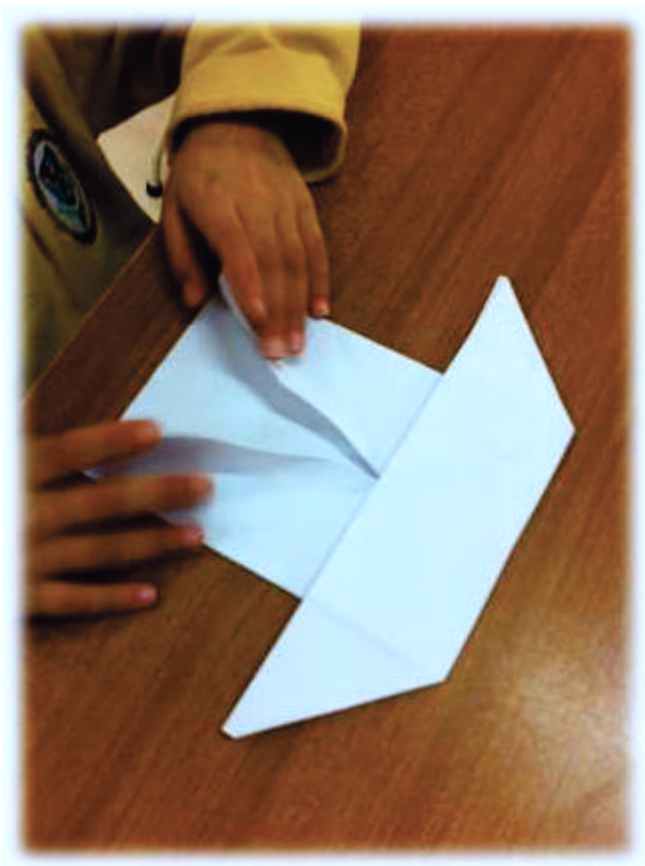
Quando vamos ao encontro dos gostos das crianças, elas tendem a mostrar um aumento de interesse e passam a gostar mais da tarefa.

Anexo B - Diversificação de estratégias

Atividade Experimental 1º CEB



Construção de Origami



Anexo C – Exemplo de Planificações 1ºCEB

Professora supervisora: Brigitte Silva Professor cooperante: Professor estagiário: Joshua Vieira	Ano de escolaridade: 2º ano Turma: A Aula nº 28	Data: 20 de outubro, 2014 Tempo: 120 min Ano letivo: 2014/2015
Sumário:		

Área	Domínio	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
E S T U D O D O M E I O	À descoberta dos materiais e objetos	Realizar experiências com o ar	Reconhecer a existência de ar	1. Diálogo com os alunos sobre a importância do ar; 2. Experiência com seringas; 2.1. Entrega de seringas a cada aluno para experimentarem a presença de ar dentro da seringa vazia 3. Experiência com a garrafa; 3.1. Experimentação realizada em grande grupo 4. Experiência com o copo	Seringas; Garrafa de plástico com tampa; Recipiente com água; Copo transparente; Folha de papel		

				<p>5. Registo no caderno diário</p> <p>5.1. Questão problema;</p> <p>5.2. Previsão;</p> <p>5.3. Experimentação;</p> <p>5.4. Recursos;</p> <p>5.5. Resultados;</p> <p>5.6. Avaliação;</p> <p>5.7. Conclusão;</p>	<p>Caderno diário;</p>		
				<p>6. Realização da experiência da pág. 22 do manual;</p>	<p>Manual;</p> <p>Saco de plástico.</p>		
				<p>7. Realização da ficha de atividades da página 23.</p>			

Operacionalização:

A aula inicia-se com um pequeno diálogo em relação à importância e existência do ar. Durante o diálogo o professor vai colocando questões de forma a perceber o conhecimento dos alunos quanto ao ar.

A primeira atividade experimental será realizada com seringas. Será entregue a cada aluno uma seringa para este experimentar de forma a perceberem que a seringa parecendo vazia tem ar. Após a experimentação segue-se outra atividade experimental envolvendo uma garrafa vazia com tampa e um recipiente com água. A atividade consiste em submergir a garrafa com água dentro do recipiente com água e posteriormente abrir a tampa da garrafa dentro da água. O ar presente dentro da garrafa irá ser libertado para que a água entre dentro da garrafa. Desta forma os alunos irão ver bolhas de ar a serem libertadas dentro da água. Antes da realização da experiência o professor vai interrogar os alunos de forma a obter algumas previsões. Após a atividade será recolhido oralmente o resultado. O que é que aconteceu? Porque é que se formaram bolhas dentro da água? Onde estava o ar? O ar ocupa espaço?

A última atividade experimental será realizada com o recipiente com água, um copo transparente e um papel. O papel será amachucado e colocado no fundo do copo de forma a não cair quando estiver com a abertura virada para baixo. Posteriormente o copo será mergulhado com a abertura para baixo no recipiente com água. Ao retirar o copo o papel estará seco. O que aconteceu? O papel não ficou molhado? Porquê? Mais uma vez a atividade tem como objetivo mostrar que o ar ocupa espaço. Ao colocar o copo virado para baixo não deixamos que o ar seja libertado. Como o ar ocupa espaço não deixa que a água entre no copo e molhe o papel.

A última atividade será registada no caderno diário. Os tópicos a registar são:

Questão problema – o ar ocupa espaço?

Previsão – registo das respostas dos alunos prevendo o que acontecerá no fim da atividade.

Experimentação – explicação da atividade

Recursos – materiais usados nas experiências.

Resultados – registo dos resultados das experimentações.

Avaliação – Comparar as respostas dadas pelos alunos antes da experimentação com os resultados.

Conclusão – Responder à questão problema.

Após o registo no caderno da atividade os alunos irão realizar a atividade do manual na página 22 de forma a consolidar a questão “Será que existe ar em todo o lado?”.

Professora supervisora: Brigitte Silva	Ano de escolaridade: 2º ano	Data: 03 de novembro, 2014
Professor cooperante:	Turma: A	Tempo: 300 min
Professor estagiário: Joshua Vieira	Aula nº	Ano letivo: 2014/2015
Sumário:		

Área	Domínio	Conteúdos	Descritores de Desempenho / objetivos de aprendizagem	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
P O R T U G U Ê S	Escrita	Informação essencial e acessória Tema e assunto	Estruturar as atividades a realizar durante o dia	Meta8 1-ler pequenos textos descritivos	8. Escrita do sumário no quadro feita pelo professor e cópia para os cadernos diários;	Caderno diário	Total 135min 30min	Formativa
	Leitura e escrita		Construção mental da linha do tempo (o que fez antes e o que fez depois)		9. Escrita de um pequeno texto e respetiva ilustração relativamente ao fim de semana;			
	Oralidade		-responder a questões acerca do que ouviu; -reter o essencial de um pequeno texto ouvido;		Meta 3 3-utilizar progressivamente a entoação e o ritmo adequados	10. Leitura do texto “A bruxa Mimi” p.42 feita pelos alunos;	Manual	
					11. Recapitulação oral do texto;		5min	

**P
O
R
T
U
G
U
Ê
S**

Oralidade			Meta 4 1-responder adequadamente a perguntas	12. Realização dos exercícios de interpretação das p.43 e 44:		95min	
Leitura e escrita	Texto narrativo, título Introdução, desenvolvimento e conclusão Personagem, espaço, tempo, ação	Propor soluções/alternativas distintas, mas compatíveis com a estrutura nuclear do texto	Meta 10 4-indicar os aspetos nucleares do texto de maneira rigorosa, respeitando a articulação dos factos ou das ideias e as intenções do autor	a. identificar personagens, local e ação; b. encontrar outra solução para o problema encontrado no texto;			
Oralidade	Reconto	-recontar histórias;	Meta 4 4-recontar e contar	c. recontar oralmente a história.			
Educação Literária			Meta20 5-Recontar uma história ouvida ou lida.	d. Leitura e identificação			
Leitura e escrita			Meta 4 5-desempenhar papéis específicos	e. Pintar de acordo com a descrição			

				em atividades de expressão orientada				
--	--	--	--	--------------------------------------	--	--	--	--

Área	Domínio	Conteúdos	Metas Curriculares	Atividades/Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
M A T E M Á T I C A	Geometria e Medida	<p>Figuras geométricas</p> <p>-triângulos isósceles, equiláteros e escalenos</p> <p>-quadriláteros</p> <p>-pentágonos e hexágonos</p> <p>-construção de figuras com eixo de simetria</p>	<p>Meta 2 Reconhecer e representar formas geométricas</p> <p>7.identificar e representar quadriláteros e reconhecer os losangos e retângulos como casos particulares de quadriláteros</p> <p>8.identificar e representar pentágonos e hexágonos;</p> <p>10.identificar figuras geométricas numa composição e efetuar composições de figuras geométricas</p>	<p>13. Figuras geométricas que compõem uma casa;</p> <p>14. Composição e decomposição de figuras – experimentação;</p> <p>15. Realização dos exercícios no manual, página 46 e 47;</p> <p>8.1-exploração de figuras geométricas a partir de outras.</p> <p>16. Construção do tangram e respetiva exploração</p>	<p>Folhas de papel</p> <p>Manual</p> <p>Tesoura</p> <p>Folha tangram.</p>	Total 105min	Formativa

Área	Domínio	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Atividades/Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
E S T U D O D O M E I O	Bloco 1 À descoberta de si mesmo	O seu corpo A saúde do seu corpo	Reconhecer modificações do seu corpo (queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva...).	17. A saúde do meu corpo: 18. Conversa com os alunos sobre os dentes; 19. Caries 12.1-o que é 12.2-evolução 12.3-causas 20. Importância de lavar os dentes 21. Como lavar os dentes 22. Realização dos exercícios do manual página 32 23. Visualização de um vídeo sobre os dentes e a formação das caries	Vídeo progressão da cárie; Manual	Total 60min	Formativa

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário no quadro e respetiva cópia para o caderno diário. À medida que os alunos vão terminando de passar o sumário começam a redigir dois parágrafos relativamente ao fim de semana e respetiva ilustração.

Posteriormente os alunos irão fazer a leitura do texto “A bruxa Mimi” em voz alta lendo cada aluno uma porção do texto. Caso seja necessário a leitura será repetida para todos os alunos praticarem a leitura e ao mesmo tempo perceberem e conhecerem melhor o texto. No final da leitura os alunos serão questionados de forma a fazerem uma recapitulação do texto. Esta atividade serve para o professor perceber se o texto foi percebido pelos alunos de forma a poder continuar com as atividades ou caso seja necessário algum esclarecimento relativamente ao texto.

Segue-se a realização dos exercícios propostos nas páginas 43 e 44 do manual. Para começar os alunos identificam as personagens da história, assim como o local onde esta se desenrola. Identificam o problema e as diferentes soluções apresentadas e depois é pedido para encontrarem uma outra solução para além daquelas apresentadas no texto. Posteriormente e em grande grupo os alunos irão recontar oralmente a história pensando que têm como público alvo alunos do primeiro ano. Para esta atividade devem aproveitar as indicações do “mapa da história” (personagens, local, ação). Os exercícios seguintes são de identificação de acordo com indicações prévias e pintura de acordo com a descrição feita.

Uma vez que a última atividade em português é a pintura de uma casa e do seu interior de acordo com a descrição, o professor questiona os alunos sobre as figuras geométricas que compõem uma casa (triângulos, quadrados, retângulos, circunferências – telhado, paredes, janelas). Desta forma os alunos irão perceber que uma figura pode ser constituída por várias figuras geométricas. Introduz-se assim a disciplina de matemática.

Esta área será mais trabalhada a partir da experimentação. Será entregue a cada aluno uma folha quadrada de forma a experimentarem através da dobragem e corte a descoberta de novas figuras geométricas. A partir do quadrado conseguem obter outras figuras geométricas como o triângulo e o retângulo. Em seguida os alunos realizarão os exercícios das páginas 46 e 47 do manual. No final será trabalhado o nome atribuído a cada figura geométrica. As figuras geométricas regulares (triângulo regular, quadrado, pentágono regular, hexágono regular) e não regulares (triângulos, quadriláteros, pentágonos,

hexágonos). Para finalizar os alunos irão construir individualmente um tangram e poderão explorar as figuras que consigam construir.

Estudo do meio.

Em conversa com os alunos iremos ver algumas características dos dentes. Desta forma tentarei usar a experiência dos alunos para introduzir o tema cuidados a ter com a higiene oral. Através da conversa levarei o tema para a formação das cáries. O que é uma cárie, as causas e a forma como evolui. Posteriormente falarei dos cuidados a ter de forma a minimizar as probabilidades de formação de cáries. Sensibilização dos alunos para uma boa higiene oral. No final será apresentado um vídeo sobre a saúde oral.

Anexo D – Exemplo de Reflexão 1º CEB

Data: 21/09/2014

Turma: 2ºA

Local: Sala de aula

Após a realização das tarefas do dia, surgiu a oportunidade de construir um vira ventos em origami. Esta atividade surgiu no âmbito da área de estudo do meio sobre a presença do ar. Esta era uma atividade individual, onde cada aluno construía o seu vira vento seguindo as minhas instruções. A atividade é exigente ao nível da motricidade e por isso muitos alunos revelaram dificuldades. No entanto o N, um aluno que está sinalizado com necessidades educativas especiais e que revela dificuldade em acompanhar o grupo, não teve dificuldades na realização desta atividade. Pelo contrário, era o primeiro a conseguir concretizar as instruções.

Comentário: Sendo que a maioria da turma teve dificuldades na realização da atividade, eu não esperava que o N demonstrasse tanto sucesso na atividade.

Perante este incidente, pensei que seria importante refletir sobre ele.

A primeira questão que surgiu na minha mente foi: “ como é que este aluno conseguiu?” e logo de seguida respondi à pergunta com: “mas porque não ele?”. Esta sucessão de perguntas levou-me a uma outra: “mas afinal em que consiste a inteligência?”. Esta última questão surgiu porque comecei a pensar que apesar do N ser um aluno com NEE, tal não interferiu na realização desta atividade, logo mostra-me que é possível este aluno possuir competências noutras áreas.

Este último pensamento fez-me recorrer à teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner. Segundo Gardner (1983 in Papalia, Olds e Feldman 2001 p.436) uma pessoa possui várias e diferentes inteligências: inteligência linguística, lógico-matemático, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Este autor vai ainda mais longe e refere mesmo que o facto de uma pessoa ser muito forte numa área, não implica obrigatoriamente ser forte noutra área distinta. Esta teoria vai ao encontro do incidente inicialmente referido, na medida em que o N estava a revelar que uma das suas áreas fortes

é a corporal-cinestésica, no entanto ao nível da linguística e no lógico - matemática o mesmo não se verifica.

Também Shelter (1984 in Papalia, Olds e Feldman 2001 p.437), se debruça sobre esta questão e menciona que através da observação é possível revelar as áreas fortes e fracas, para assim se conseguir orientar o desenvolvimento do aluno.

Este último autor levou-me a fazer uma retrospeção das minhas aulas e fez-me questionar sobre as estratégias utilizadas. Será que quando planifico utilizo estratégias que permitem a apreensão dos conhecimentos de alunos com diferentes inteligências? Ou será que utilizo sempre o mesmo tipo de estratégias? É aqui que se concentra a verdadeira problemática, pois não há nada de errado em ter áreas de inteligência mais fortes que outras. O problema existe quando eu não diversifico as estratégias e permito que existam áreas de inteligência privilegiadas relativamente a outras.

Este incidente levou-me assim a modificar as estratégias que constituem as minhas planificações, pois agora tentarei utilizar estratégias que visem utilizar o corpo como meio de aprendizagem, criando assim a possibilidade do N acompanhar a turma.

Claramente que o N não é o único nesta situação, ainda que esta seja a mais evidente. Todos os alunos terão obviamente as suas áreas fortes e fracas, podem é estar mais equilibradas, contudo é sempre bom diversificar para poder alcançar a todos.

Anexo E – Exemplo de Ficha Formativa – Ficha de Revisões 1º CEB

1. Faz a leitura do texto com atenção.

A primeira prenda do Pai Natal

O Pai Natal acordou muito cedo. Olhou para o lado: a Mãe Natal ainda dormia. Levantou-se com muito cuidado (se ela acordava de repente ficava impossível de aturar) e, em bicos de pés, foi até à porta da rua. Abriu-a muito devagar e lançou os olhos, ainda vagamente piscos de sono, pela imensidão gelada à sua frente. Neve, neve e nada mais além de neve. Uma brancura que até fazia arder a vista.



- Ainda não é desta... - murmurou desanimado.

Voltou a fechar a porta e sentiu-se cansado.

- Mas por que é que, em todo o mundo, só eu é que não tenho direito a receber um presente de Natal? – murmurou, olhando a lista que a Mãe Natal lhe tinha deixado em cima da mesa, para que não se esquecesse de nada.

Até ela tinha direito à sua prenda. Durante muitos anos, limitara-se a pedir “umas luvas de lã, pois tenho sempre as mãos enregeladas”. Mas ao fim de tantos anos já não havia gavetas que chegassem para guardar as luvas – e as mãos continuavam enregeladas.

Alice Vieira, 2 histórias de Natal, Caminho, 2002

2. Qual o título da história?

R: _____

3. Qual a personagem principal da história?

R: _____

4. Em que época do ano se passa esta história?

R: _____

5. Porque é que o Pai Natal acordou muito cedo? Assinala com X a resposta correta.

Porque estava com dor de cabeça.

Porque estava ansioso por receber uma prenda.

Porque estava ansioso por ver a neve.

6. Identifica o assunto do texto.

R: _____

7. Achas que o Pai Natal também tem direito a receber uma prenda? Porque?

R: _____

8. Reescreve as frases, substituindo as palavras sublinhadas pelas palavras do quadro ao lado com significado contrário.

8.1. O Pai Natal acordou muito cedo.

8.2. Abriu-a muito devagar e lançou-lhe os olhos.

tarde
fechou-a
depressa
adormece

9. Liga as palavras com significados semelhantes.

Muito •

Lançou •

Desanimado •

Cansado •

Prenda •

Enregeladas •

• Atirou

• Congeladas

• Bastante

• Presente

• Esgotado

• Abatido

10. Assinala os parágrafos do texto. Quantos são?

Anexo F – Planificação de Ciências Naturais

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS		
Professora supervisora: Ana Luísa Ferreira Professor cooperante: Professor estagiário: Joshua Vieira	Ano de escolaridade: 5º ano Turma: I Aula nº 64	Data: 12 de março, 2015 Tempo: 50 min Ano letivo: 2014/2015
Sumário: Metamorfose na rã e nos Insetos		

Área	Bloco	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
C I Ê N C I A S N A T U R A I	Diversidade de Seres Vivos e Suas Interações com o Meio	Diversidade nos animais	Conhecer a diversidade de comportamentos dos animais relacionados com a reprodução	9. Compreender a diversidade de processos reprodutivos dos animais.	1. Escrita do sumário da aula anterior e abertura do sumário da aula.	Quadro	10'	
				9.6. Distinguir animais ovíparos de ovovivíparos e de vivíparos	2. Diálogo com os alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior.		5'	
				9.7. Indicar dois exemplos de animais que passem por metamorfoses	3. Introdução à metamorfose: 3.1. O que é metamorfose;	Apresentação o PPT	25'	

<p style="text-align: center;">S C I Ê N C I A S N A T U R A I S</p>				<p>completas durante o seu desenvolvimento.</p>	<p>3.2. Metamorfose na rã: a) Análise das diferentes fases.</p> <p>3.3. Metamorfose nos insetos: a) Análise das diferentes fases.</p> <p>4. Construção de um quadro com as diferentes fases de desenvolvimento da rã e do grilo.</p>	<p>Imagens Cartolina Cola Caneta</p>	<p>10'</p>	
--	--	--	--	---	---	---	------------	--

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário no quadro. Em seguida, será realizado um conjunto de perguntas de forma a relembrar o tema estudado na aula anterior.

Quais são os processos reprodutivos dos animais?

- **Vivíparos** – o desenvolvimento do novo ser acontece no interior do corpo da fêmea, dentro do útero;
- **Ovíparos** – o embrião desenvolve-se dentro de um ovo, fora do corpo materno;
- **Ovovivíparos** – as fêmeas mantêm os ovos dentro do seu corpo durante o desenvolvimento do embrião.

Dando seguimento ao tema, será introduzida a metamorfose na rã e nos insetos. Será projetado no quadro uma apresentação em Power Point com a definição, imagens e vídeos sobre o tema.

Relativamente à metamorfose na rã serão analisadas as suas fases: ovo, girino, respiração por brânquias externas, crescimento dos membros posteriores, crescimento dos membros anteriores, diminuição da cauda e a respiração por pulmões na fase adulta.

Relativamente à metamorfose nos insetos serão abordadas as metamorfose completas e incompletas.

Completas:

- Ovo;
- Larva;
- Crisálida ou Pupa;
- Inseto adulto.

Incompletas:

- Ovo;
- Larva ou Ninfa;
 - Inseto adulto. No final da apresentação de Power Point os alunos irão copiar para o caderno um breve resumo dos conteúdos abordados.

Como atividade final, será construído em grande grupo um quadro com as diferentes fases de desenvolvimento da rã e do grilo.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Professora supervisora: Ana Luísa Ferreira

Professor cooperante:

Professor estagiário: Joshua Vieira

Ano de escolaridade: 5º ano

Turma: I

Aula nº

Data: 16 de abril, 2015

Tempo: 50 min

Ano letivo: 2014/2015

Sumário: Correção do trabalho de casa.

A influência da, água, luz e temperatura nas plantas.

Atividade experimental.

Área	Bloco	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
C I Ê N C I A S N A T U R A I S	Diversidade de Seres Vivos e Suas Interações como Meio	Diversidade nas plantas	Influência dos fatores abióticos nas adaptações morfológicas das plantas.	12. Conhecer a influência dos fatores abióticos nas adaptações morfológicas das plantas 12.1. Descrever a influência da água, da luz e da temperatura no desenvolvimento das plantas	<p>5. Escrita do sumário da aula anterior e abertura do sumário da aula.</p> <p>6. Correção dos exercícios da pág 176.</p> <p>7. Construção de um cartaz com a legenda das diferentes partes da planta.</p> <p>8. Influência da água luz e temperatura nas plantas.</p>	<p>Quadro</p> <p>Manual</p> <p>Cartolina Imagem Marcador</p> <p>Power Point</p>	<p>5'</p> <p>10'</p> <p>10'</p> <p>10'</p>	<p>Formativa</p>

C I Ê N C I A S N A T U R A I S				12.2. Testar a influência da água e da luz no crescimento das plantas, através do controlo de variáveis, em laboratório.	9. Atividade experimental.	Copos Algodão Feijão Tiras de papel Água Folha de registo	15'	
---	--	--	--	---	-----------------------------------	--	-----	--

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário da aula. Em seguida serão corrigidos os exercícios da página 176 do manual que foram como trabalho para casa. No final desta atividade e para consolidar os conhecimentos será construído um cartaz identificando as diferentes partes das plantas.

Num segundo momento será trabalhada a influência da luz, água e temperatura nas plantas. Será feita uma apresentação onde podemos ver a influência dos diferentes fatores abióticos.

No final da aula será construída uma atividade com a finalidade de verem a influência dos fatores abióticos na germinação.

Influência dos fatores abióticos na germinação

Questão Problema	O que mantemos	O que mudamos	Previsão	O que verificamos	Resposta à questão problema
Qual a influência da temperatura na germinação?	3 sementes copo A 3 sementes copo B humedecidas com água	A – frigorífico B – fora do frigorífico			
Qual a influência da humidade na germinação?	3 sementes copo C 3 sementes copo D	C – com água D – sem água			
Qual a Influência da luz na germinação?	3 sementes copo E 3 sementes copo F humedecidas com água	E – janela F – armário			

Anexo G – Elaboração de um cartaz



Anexo H – Atividade experimental – influência dos fatores abióticos

Questão Problema	O que mantemos	O que mudamos	Previsão	O que verificamos	Resposta à questão problema
Qual a influência da temperatura na germinação?	3 sementes copo A 3 sementes copo B humedecidas com água	A – frigorífico B – fora do frigorífico			
Qual a influência da humidade na germinação?	3 sementes copo C 3 sementes copo D	C – com água D – sem água			
Qual a Influência da luz na germinação?	3 sementes copo E 3 sementes copo F humedecidas com água	E – janela F – armário			

Anexo I – Diferenciação individual



Anexo J – Jogo do Bingo

Número aleatório entre		Registro	Divisores
1	50		
30			

4	50	43	38	31	45	3	29	42	30
41	16	24	23	42	31	26	49	26	41
46	6	☺	36	34	43	28	☺	42	31
20	38	4	27	11	2	12	24	19	7
26	38	44	8	3	29	3	33	46	6

Anexo K – PowerPoint Português

Texto narrativo

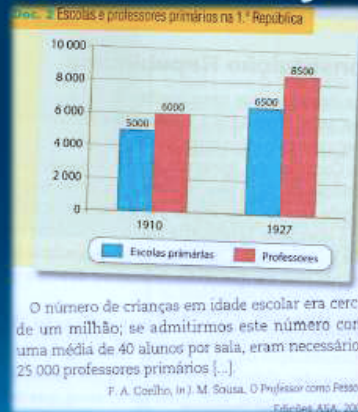
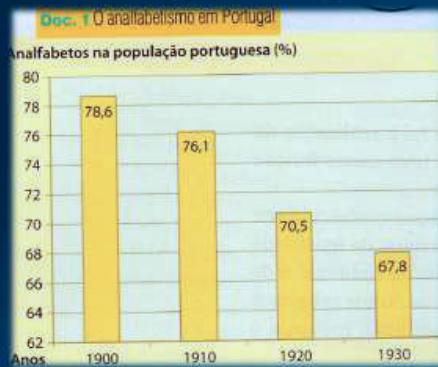
- O texto narrativo apresenta um narrador que conta como alguém agiu, usando verbos que indicam ações e advérbios com valor de tempo e de lugar.
- Caracteriza-se por apresentar os seguintes elementos:
 - Ação
 - Pretérito perfeito do indicativo
 - Pretérito imperfeito do indicativo
 - Narrador
 - Tempo
 - Espaço
 - Personagens

Reportagem

- Texto informativo que transmite uma informação sobre factos concretos.
 - Género jornalístico que aborda um tema interessante e atual.
 - A reportagem amplia a notícia, apresentando as circunstâncias e os pormenores.
 - Apresenta uma construção diversificada:
 - Narração
 - Descrição
 - Diálogos
 - Exposição
 - Argumentação
- Estrutura:
 - Abertura ou síntese
 - Apresentação dos factos e descrição
 - Síntese final

Anexo L – PowerPoint História e Geografia de Portugal

Situação do país a nível da Educação



Doc. 3 Pela educação e contra o trabalho infantil

[...] O trabalho útil das crianças, trabalho remunerado, não é exercício que convenha ao seu desenvolvimento físico, e a ele são obrigadas as crianças pobres [...]. O Estado, decretando a obrigatoriedade do ensino primário, contraiu, ele próprio, a obrigação de tornar possível, de tornar prática essa obrigação.

Por um lado, há falta de escolas, e por outro lado um grande número de crianças, por motivos de ordem económica não pode frequentar a escola da sua freguesia [...] sem um fatiño decente [...], sem uma refeição que a conforte a meio do período escolar. Em Lisboa, muitas crianças vão para a escola tendo comido uma bucha nem sempre acompanhada dum gole de café [...] a sua escola não tem cantina que lhe forneça de graça, ou quasi de graça, uma singela, mas reconfortante refeição [...].

Belo Camacho, De Bom Humor, Livraria Editora Guimarães & C.ª, 1933.

Uma escola sem professor

Informa-nos um nosso amigo de que em S. Miguel do Monte, deste concelho, existe uma casa nova e mobilada, com renda a correr por conta do Estado, destinada a uma escola. A casa e a mobília lá estão, mas o professor é que ainda não foi nomeado.

Dizem-nos que para a nomeação do professor havia compromissos por causa da ilegalidade da eleição de Villacova.

Ora para que se não continue a dizer que quem manda ainda são os monarchicos, por causa de uns despachos de professores, etc., que apontados no tempo da monarchia teem sido feitos agora, era bom que para S. Miguel do Monte fosse nomeado professor da escola dos republicanos e não nenhum protegido de monarchicos que se tenha metido em nigromancias delles.

Situação do país a nível da Educação

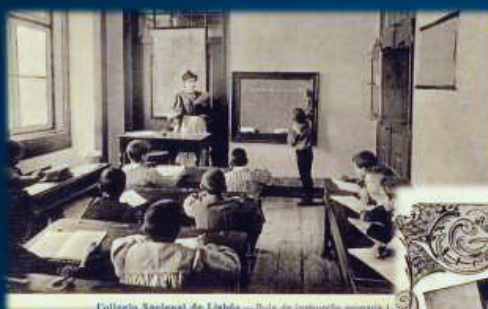
- 76% da população analfabeta;
- Poucas escolas;
- Escolas pequenas e mal equipadas;
- A maior parte das crianças não frequentava a escola;
- Trabalho infantil.

As Reformas na Educação

- Criação do ensino infantil público para crianças dos 4 aos 7 anos



JARDIM-ESCOLA NO PORTO, 1915



Colégio Nacional de Lisboa - Sala de aula com o professor e alunos



Colégio Nacional de Lisboa

Vista parcial da sala de aulas

- Criação de mais escolas primárias



Quadro 3: Escolas primárias do ensino elementar (até 1919) e do ensino geral de iniciativa oficial em Portugal, 1905-1927.

Anos	Escolas			Total
	Masculinas	Femininas	Mistas	
1905/06	-	-	-	5220
1906/07	-	-	-	5268
1907/08	3039	1734	574	5347
1908/09	3050	1773	605	5428
1909/10	3067	1819	666	5552
1910/11	-	-	-	-
1911/12	3079	2157	1176	6412
1912/13	3071	2197	1248	6516
1913/14	3074	2211	1308	6593
1914/15	3092	2244	1364	6700
1915/16	3066	2263	1427	6756
1916/17	3085	2293	1484	6862
1917/18	2916	2188	1367	6473
1918/19	2938	2228	1397	6563
1919/20	-	-	-	6515
1920/21	-	-	-	6564
1921/22	-	-	-	-
1922/23	-	-	-	6475
1923/24	-	-	-	6327
1924/25	-	-	-	6479
1925/26	-	-	-	6657
1926/27	-	-	-	6648

Fonte: Anuário Estatístico de Portugal - Anos de 1905, 1909/10, 1912, 1916, 1921, e 1927.

- Construção de novos liceus e escolas técnicas



AULA NO LICEU DE PASSOS MANUEL, 1921



INAUGURAÇÃO DO LICEU PASSOS MANUEL - 2 Janeiro 1911

- Criação de Escolas Normais



Edifício onde funcionava a Escola Normal; hoje Escola Superior de Educação de Lisboa

- Criação de Escolas Normais



Escola Normal do Porto

- Fundação das Universidades do Porto e Lisboa



1945



▪ Criação das Escolas Móveis

Quadro 4: Escolas móveis de iniciativa oficial segundo o número de alunos matriculados, aproveitamento e professores, 1913-1930.

Anos	Escolas	Alunos Inscritos			Aproveitamento		Professores		
		Masc.	Fem.	Total	Total	%	Masc.	Fem.	Total
1913/14	257	-	-	13812	3776	27,3	-	-	-
1914/15	236	-	-	18260	5220	28,6	-	-	-
1915/16	243	-	-	13130	5992	44,9	-	-	-
1916/17	225	-	-	11534	4512	39,1	-	-	-
1917/18	220	-	-	-	-	-	74	155	229
1918/19	187	-	-	-	-	-	61	126	187
1919/20	330	-	-	19698	7435	44,5	87	243	330
1920/21	330	10428	6445	16873	7324	43,4	94	236	330
1921/22	330	8493	5438	13931	10289	73,9	94	236	330
1922/23	317	9928	4962	14890	9309	62,5	87	230	317
1923/24	319	9423	4917	14340	8305	57,9	87	232	319
1924/25	311	8779	4310	13089	6280	48	78	233	311
1925/26	318	9085	4674	13759	5809	42,2	94	234	318
1926/27	305	8377	4421	12798	5186	40,5	82	226	308
1927/28	289	7841	4354	12195	4504	36,9	70	221	291
1928/29	269	6650	3640	12290	4213	40,9	57	218	275
1929/30	302	8779	5212	13991	5151	36,8	49	217	306

Fonte: José Salgado Simões, 1999, 22-23.

As Reformas na Educação

- Criação do ensino infantil público para crianças dos 4 aos 7 anos
- Escolaridade obrigatória e gratuita dos 7 aos 10 anos
- Criação de mais escolas primárias
- Construção de novos liceus e escolas técnicas
- Criação de Escolas Normais
- Fundação das Universidades do Porto e Lisboa
- Criação das Escolas Móveis

As Reformas no Trabalho

Leis de proteção ao trabalhador

- | | |
|------|--|
| 1910 | • Decretado o direito à greve. |
| 1911 | • Aprovado o descanso semanal obrigatório ao domingo. |
| 1918 | • Fixado o horário de trabalho (6 dias, 8 horas diárias e 48 horas semanais).
• Estabelecido um seguro social obrigatório para acidentes de trabalho. |

Doc. 4 Novas leis na educação e no trabalho

Os governos republicanos procuraram satisfazer muitas das reivindicações mais prementes através da autorização e regulamentação da greve, da instituição do descanso semanal obrigatório e da limitação dos horários de trabalho, mas deixaram vastas camadas sociais descontentes [...].

Seria, porém, no domínio da educação que a ação dos primeiros governos republicanos se revelaria mais eficaz [...]. A República decretou a instrução obrigatória e gratuita para todas as crianças entre os 7 e os 12 anos, tendo também procedido à reforma do ensino superior, nomeadamente através da fundação de duas novas universidades, em Lisboa e no Porto.

Adérito Tavares, in *Memória de Portugal – O Milénio Português*, coord. Roberto Carneiro, Círculo de Leitores, 2003



O Movimento Sindical

Doc. 1 A primeira greve da República

A primeira greve rebentou logo um mês depois da implantação da República. Foi uma iniciativa dos trabalhadores da Carris que lutavam por um horário de trabalho de oito horas, salários mais elevados e melhor organização dos turnos. Esta greve muito perturbou a vida na cidade de Lisboa, porque só os eléctricos da Carris asseguravam os transportes públicos. Muita gente que não estava em greve não pôde ir trabalhar por não ter maneira de chegar ao local de trabalho.

António Reis, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *O 5 de Outubro e a Primeira República*, Caminho, 2010



Anexo M – Timeglider

timeglider.com/t/1159503deef32a8d?min_zoom=1&max_zoom=100

Biografia info start

1. Nascimento

2. Estudos

3. Capitão de Artilharia

4. Legião Portuguesa

5. Professor

6. Combate em Guiné

7. Comandante Militar da Revolução

8. Novo golpe militar

9. Prisão

10. Candidato às Eleições Presidenciais

11. Força de Unidade Popular

12. FP-25

13. Prisão

14. Amnistia para o caso FP-25

15. Mais informações

1996

14. Amnistia para o caso FP-25

Em 1996 a Assembleia da República aprovou uma amnistia para os presos do caso FP-25.

1940s 1950s 1960s 1970s 1980s 1990s 2000s 2010s 2020s 2030s 2040s

timeglider prev Mar 3, 1991 next

Anexo N – Entrega de trabalhos de grupo de História e Geografia de Portugal

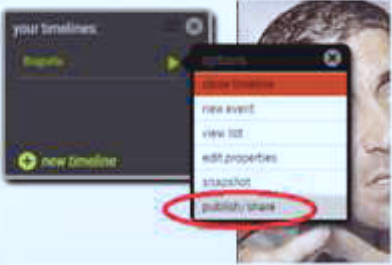
Biblioteca do Agrupamento de Digite o termo de busca

BLOG DA BIBLIOTECA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

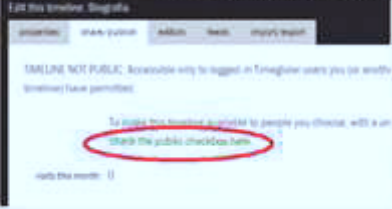
Entrega Trabalho Biografias

Para a entrega do teu trabalho segue os seguintes passos:


- Accede às definições de partilha da tua linha de tempo




- Em seguida clica no texto "check the public checkbox here".



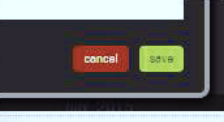
- Selecciona a caixa para tornar a tua linha de tempo pública.



- Após seleccionares a caixa deve aparecer o URL semelhante a este:



- Copia esse URL e segue as instruções abaixo.
- Clica aqui para enviar o teu trabalho
- Não te esqueças de guardar as alterações no botão **save**.



Calendário

Junho 2015
D S T Q Q S S
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12 13
14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27
28 29 30
- 31 -

Biografias 25abril

Aqui podes encontrar alguns links com informação sobre diversas personalidades que tiveram uma implicação na Revolução dos Cravos.

- <http://www.25abril.org/a25abril/>
- <http://www.aja.pt/>
- <http://www.rtp.pt/arquivo/?artide=1100&tm=33&visual=4>
- <http://www.vidaslusofonas.pt/index.htm>
- <http://www.oliveirasalazar.org/>

Páginas

- ★ ALUNOS DO 6ºA – ENTREGA do TRABALHO "BIOGRAFIAS"
- ★ BIBLIOTECAS DIGITAIS
- ★ LIVROS DIGITAIS PARA OS MAIS NOVOS
- ★ ESCRITORES PORTUGUESES
- ★ JOGOS DIDÁTICOS
- ★ LIGAÇÕES ÚTEIS POR DISCIPLINA CURRICULAR
- ★ Português
- ★ Espanhol

Anexo O – Teste de Ciências Naturais

FICHA DE AVALIAÇÃO DE CIÊNCIAS NATURAIS - 5.º Ano

NOME _____ Nº _____ TURMA _____ DATA ____/06/2015

A PROFESSORA _____ CLASSIFICAÇÃO _____ E.Educação _____

Grupo I

1. Completa a frase com as palavras seguintes, de forma a obteres afirmações verdadeiras.

As árvores de folha _____, como o castanheiro e o carvalho, _____ as folhas durante o _____; desta forma, reduzem a sua atividade pois deixam de efetuar a fotossíntese ou seja, deixam de fabricar o seu _____ ficando num estado de _____.

A oliveira é uma planta de folha _____ que _____ as folhas durante todo o ano e vive durante _____, produzindo frutos e _____ que caem na terra e _____, originam novas plantas. A alfaca é uma planta _____, uma vez que tem um ciclo de vida _____, vivendo somente _____.

curto	caduca	anual	outono/inverno	germinando	alimento	perene
dormência	perdem	sementes	na primavera e no verão	muitos anos	mantém	

2. Estabelece a correspondência correta.

As plantas podem classificar-se de acordo com a sua necessidade ou tolerância relativamente a diversos fatores do meio.

- | | | | |
|------------------------|---|---|--|
| Plantas de dias longos | • | • | Estão bem adaptadas a ambientes extremamente secos |
| Plantas de dias curtos | • | • | Estão bem adaptadas a ambientes aquáticos. |
| Plantas mesófitas | • | • | Florescem no verão |
| Plantas xerófitas | • | • | Florescem no inverno |
| Plantas hidrófitas | • | • | Estão adaptadas a ambientes em que a água não é excessivamente escassa nem abundante |

3. Classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F)

	A luz é essencial à sobrevivência das plantas uma vez que lhes permite produzir o seu próprio alimento.
	As folhas permitem a absorção de água e sais minerais.
	Os cactos apresentam caules carnudos e folhas reduzidas a espinhos como adaptações à falta de água.
	A temperatura é o principal fator de crescimento das plantas.
	A água é abundante em ambientes desérticos, pelo que estas plantas não necessitam de realizar fotossíntese.

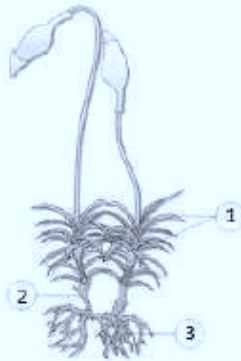
4. Explica em que consiste a floração.

5. Indica um exemplo de uma planta com flor e outro de uma planta sem flor, que conheças.

6. Como são constituídas as plantas com flor?



7. Faz a legenda da seguinte figura utilizando as palavras da chave:



1. _____
 2. _____
 3. _____

Chave:

Caulóide
 Rizoide
 Filóide

8. Classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F)

Na Terra existe uma grande diversidade de plantas.

<input type="checkbox"/>	Todas as plantas possuem flores.
<input type="checkbox"/>	Os musgos são plantas muito simples que não têm verdadeiras raízes, folhas e caules e que se reproduzem por esporos.
<input type="checkbox"/>	As flores são os órgãos reprodutores das plantas que as produzem e dão origem às sementes e, por vezes, aos frutos.
<input type="checkbox"/>	Os fetos são plantas que habitam zonas secas e ensolaradas.
<input type="checkbox"/>	Os pinheiros e as palmeiras são plantas que não produzem flores nem sementes.

9. Seleciona com um (X) a opção correta.

A biodiversidade vegetal...

<input type="checkbox"/>	deve ser protegida, principalmente, pela manutenção de ambientes naturais.
<input type="checkbox"/>	pode ser mantida com a criação de estufas e de bancos de sementes.
<input type="checkbox"/>	é importante para a nossa alimentação, pelo que devemos preservar apenas as espécies comestíveis.
<input type="checkbox"/>	tem-se mantido no planeta, uma vez que as plantas são organismos muito resistentes às alterações climáticas.

10. Identifica com o respetivo número no quadrado correspondente as opções que constituem medidas de proteção ou ameaças à biodiversidade vegetal.

1. Medidas de proteção

2. Ameaças à biodiversidade

<input type="checkbox"/>	Incêndios
<input type="checkbox"/>	Poliuição
<input type="checkbox"/>	Limpeza dos terrenos
<input type="checkbox"/>	Criação de áreas protegidas
<input type="checkbox"/>	Plantas invasoras
<input type="checkbox"/>	Construção de barragens
<input type="checkbox"/>	Alterações ao uso do solo
<input type="checkbox"/>	Proibição da colheita e abate de plantas ameaçadas

Grupo II

1. Durante as tuas aulas utilizaste um instrumento de observação que forma uma imagem ampliada de um objeto.

Explica a importância do microscópio ótico para a evolução da ciência.

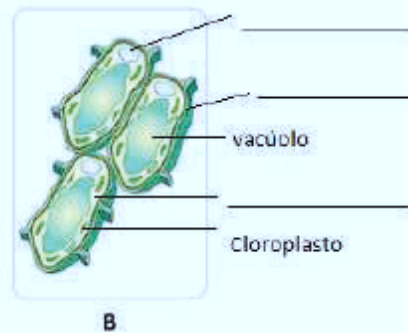
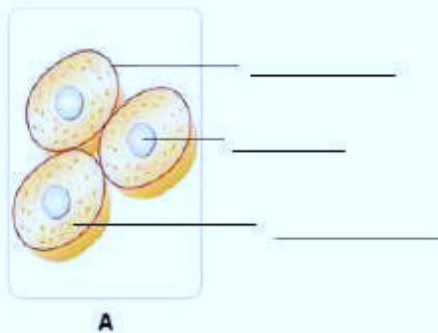
2. Coloca os números correspondentes ao nome de cada uma das partes do microscópio ótico composto.



<input type="checkbox"/>	Base
<input type="checkbox"/>	Condensador
<input type="checkbox"/>	Oculares
<input type="checkbox"/>	Platina
<input type="checkbox"/>	Coluna
<input type="checkbox"/>	Diafragma
<input type="checkbox"/>	Lâmpada
<input type="checkbox"/>	Parafuso de movimento X/Y da platina
<input type="checkbox"/>	Objetivas
<input type="checkbox"/>	Interruptor
<input type="checkbox"/>	Parafuso de focagem macro
<input type="checkbox"/>	Parafuso de focagem micro
<input type="checkbox"/>	Revólver
<input type="checkbox"/>	Tubo ótico

3. Nas aulas observaste ao microscópio células animais e células vegetais. Na figura estão representados dois conjuntos de células diferentes.

3.1. Completa a legenda da figura.



3.2. Completa os espaços em branco.

As células da figura A são células _____.

As células da figura B são células _____.

4. Durante as aulas tiveste a oportunidade de fazer diferentes observações microscópicas. Dá um exemplo de uma preparação que observaste.

5. Completa as frases com as opções corretas.

Apesar de haver uma _____ diversidade de seres vivos, todos eles são constituídos por _____. Por vezes, apenas uma única célula constitui os organismos - nos seres _____, outras vezes estas estão agrupadas em conjuntos mais complexos - nos seres _____.

pluricelulares

grande

células

unicelulares

6. Estabelece a correspondência correta.

Identifica o reino a que pertence cada um dos seguintes organismos

- | | | | |
|----------|---|---|----------|
| Bactéria | • | • | Fungo |
| Alga | • | • | Monera |
| Pulga | • | • | Planta |
| Cogumelo | • | • | Protista |
| Musgo | • | • | Animal |

7. Observa atentamente à chave dicotómica.

Chave dicotómica, simplificada, do Filo Cordados para identificação de Classes		
1	Revestimento de pele com escamas	2
	Revestimento de pele nua, pele com penas ou pele com pelos	3
2	Escamas de origem dérmica	Classe Peixes
	Escamas de origem epidérmica	Classe Répteis
3	Pele nua	Classe Anfíbios
	Pele com penas ou pelos	4
4	Pele com penas	Classe Aves
	Pele com pelos	Classe Mamíferos

7.1. Qual o objetivo desta chave dicotómica?

7.2. Utiliza a chave para classificar o animal identificando o seu reino, filo e classe.



7.3. Indica um exemplo de um animal que pertença à classe dos répteis.

Bom Trabalho!

Anexo P – Grelha de Avaliação do Teste de Ciências Naturais

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z	AA
5					C	13x1	5x1	5x1	3	2x2	5	3x1	5x1	3	8x1	3	14x1	8x1	2	4x1	5x1	5x2			100,0		
6						13,0	5,0	5,0	3,0	4,0	5,0	3,0	5,0	3,0	8,0	3,0	14,0	8,0	2,0	4,0	5,0	10,0			100,0		
7	1	A.S.				11,0	5,0	4,0	0,0	4,0	5,0	3,0	3,0	3,0	3,0	2,0	4,0	2,0	2,0	2,0	5,0	2,0			60,0	1	Suficiente
8	2	B.P.				13,0	5,0	5,0	3,0	4,0	5,0	3,0	3,0	3,0	6,0	3,0	14,0	7,0	2,0	4,0	5,0	10,0			95,0	2	Muito Bom
9	3	C.F.				13,0	5,0	4,0	3,0	4,0	5,0	3,0	3,0	0,0	5,0	3,0	14,0	2,0	2,0	4,0	3,0	4,0			77,0	3	Bom
10	4	C.S.				9,0	5,0	3,0	0,0	4,0	5,0	3,0	4,0	0,0	8,0	0,0	14,0	7,0	2,0	4,0	2,0	8,0			78,0	4	Bom
11	5	C.L.				9,0	5,0	3,0	0,0	4,0	0,0	1,0	4,0	0,0	7,0	3,0	12,0	2,5	1,0	4,0	3,0	4,0			62,5	5	Suficiente
12	6	D.L.				13,0	5,0	3,0	3,0	4,0	5,0	3,0	4,0	3,0	8,0	2,5	14,0	6,0	2,0	4,0	3,0	5,0			87,5	6	Bom
13	8	D.P.				6,0	1,0	4,0	0,0	1,5	0,0	1,0	5,0	3,0	6,0	0,0	2,0	0,0	2,0	2,0	3,0	2,0			38,5	8	Insuficiente
14	10	G.F.				13,0	5,0	3,0	3,0	4,0	0,0	3,0	3,0	3,0	7,0	2,0	8,0	2,0	1,0	4,0	3,0	8,0			72,0	10	Bom
15	11	G.D.				6,0	5,0	2,0	1,5	1,5	5,0	3,0	4,0	0,0	7,0	0,0	3,0	3,0	0,0	4,0	0,0	2,0			47,0	11	Insuficiente
16	12	G.T.				13,0	5,0	4,0	3,0	4,0	5,0	3,0	3,0	3,0	5,0	3,0	14,0	4,0	2,0	4,0	3,0	4,0			82,0	12	Bom
17	13	I.M.				11,0	5,0	4,0	0,0	4,0	5,0	3,0	5,0	0,0	8,0	2,0	14,0	5,0	2,0	4,0	5,0	10,0			87,0	13	Bom
18	15	J.L.				13,0	3,0	5,0	3,0	4,0	5,0	3,0	4,0	0,0	6,0	2,0	10,0	3,0	0,0	0,0	3,0	4,0			68,0	15	Suficiente
19	17	M.R.				13,0	1,0	3,0	2,0	4,0	0,0	0,0	2,0	0,0	7,0	1,0	6,0	0,0	2,0	4,0	0,0	0,0			45,0	17	Insuficiente
20	18	M.O.				9,0	1,0	4,0	2,0	4,0	5,0	3,0	2,0	3,0	5,0	1,0	10,0	6,0	2,0	4,0	3,0	0,0			64,0	18	Suficiente
21	19	M.P.				7,0	5,0	5,0	0,0	4,0	5,0	3,0	4,0	0,0	6,0	0,0	14,0	2,0	0,0	4,0	5,0	8,0			72,0	19	Bom
22	20	M.M.																							0,0	20	Muito Insuficiente
23	21	P.G.				13,0	5,0	3,0	2,5	4,0	5,0	1,0	3,0	3,0	8,0	2,0	12,0	3,0	2,0	4,0	5,0	8,0			83,5	21	Bom
24	22	P.P.				4,0	1,0	3,0	0,0	2,0	5,0	3,0	3,0	3,0	8,0	2,0	12,0	2,0	2,0	2,0	5,0	2,0			59,0	22	Suficiente
25	23	R.S.				7,0	5,0	1,0	3,0	4,0	5,0	3,0	1,0	0,0	7,0	3,0	2,0	2,0	0,0	4,0	1,0	2,0			50,0	23	Suficiente
26	24	R.M.				13,0	5,0	4,0	3,0	2,0	5,0	3,0	2,0	3,0	8,0	2,0	12,0	5,0	2,0	4,0	2,0	2,0			77,0	24	Bom
27	25	R.F.				10,0	5,0	4,0	0,0	4,0	5,0	3,0	5,0	3,0	8,0	3,0	10,0	7,0	2,0	4,0	3,0	4,0			80,0	25	Bom
28	26	S.T.				13,0	5,0	4,0	3,0	4,0	5,0	1,0	3,0	3,0	8,0	3,0	14,0	8,0	2,0	4,0	5,0	7,5			92,5	26	Muito Bom
29	27	S.S.				13,0	5,0	4,0	0,0	2,0	5,0	3,0	4,0	3,0	8,0	0,0	9,0	3,0	2,0	4,0	3,0	6,0			74,0	27	Bom
30	28	D.V.				11,0	1,0	3,0	0,0	2,0	0,0	3,0	3,0	3,0	8,0	0,0	3,0	0,0	0,0	4,0	1,0	0,0			42,0	28	Insuficiente
31																									20,8%		
32													nºaluno:	0-19	20-49	50-69	70-89								90-100		
33													24	4,2%	16,7%	25,0%	45,8%								8,3%		

Anexo Q – Planificação de Matemática 2º CEB

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Escola Básica e Secundária		Turma: C	Lição:
Ano de escolaridade: 5º	Ano letivo: 2014 / 2015	Data: 18 / 03 / 2015	Tempo: 100 minutos
Professora supervisora: Ana Luísa Ferreira Professora cooperante: Professor estagiário: Joshua Vieira			
Sumário: O paralelogramo. Relação entre ângulos, lados opostos e altura.			
Domínio	Subdomínio		
Geometria e Medida	Triângulos e quadriláteros.		
Objetivo geral	Descritores		
Reconhecer propriedades de paralelogramas	<ul style="list-style-type: none">• Identificar paralelogramos como quadriláteros de lados paralelos dois a dois e reconhecer que dois ângulos opostos são iguais e dois ângulos adjacentes ao mesmo lado são suplementares.• Reconhecer que num paralelogramo lados opostos são iguais.• Identifica, dado um paralelogramo, uma «altura» relativamente a um lado (designado por «base») como um segmento de reta que une um ponto do lado oposto à reta que contém a base e lhe é perpendicular.		
Recursos / Materiais			
<ul style="list-style-type: none">▪ Quadro branco▪ Manual de Matemática - 5º ano▪ Material de escrita (caneta, lápis, borracha); Caderno diário▪ Computador			
Atividades a desenvolver			
Escrita do sumário anterior e abertura da lição; Identificação e definição de paralelogramo; Relação entre os ângulos de um paralelogramo; (pág. 12) Relação entre os lados opostos de um paralelogramo; (pág. 21) Alturas de um paralelogramo; (pág. 26) Resolução de exercícios.			

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário da aula anterior no quadro e a abertura da lição. Com a ajuda do Geogebra será realizada uma atividade de identificação de diferentes figuras geométricas. Triângulos, quadriláteros, seguindo-se uma divisão destas figuras quanto aos ângulos (triângulos acutângulos, retângulos e obtusângulos) assim como quadrados, retângulos, losangos e paralelogramos.

Retângulos – figura geométrica cujos lados opostos são paralelos e iguais e todos os ângulos medem 90°

Quadrado – figura geométrica regular com todos os lados e ângulos iguais.

Losango – figura geométrica com os lados todos iguais e ângulos opostos iguais.

Paralelogramo – figura geométrica com dois pares de lados paralelos e dois pares de ângulos opostos iguais.

Após definir paralelogramo, será analisado em relação aos ângulos. Esta análise tem como objetivo concluir que os ângulos opostos são iguais e que os ângulos adjacentes ao mesmo lado são suplementares. (pág.12)

Posteriormente será trabalhado o paralelogramo em relação aos seus lados. Lados opostos do paralelogramo são iguais. (pág.21)

Ângulos suplementares – a soma de dois ângulos é igual a 180°

Para concluir o estudo do paralelogramo será trabalhada a sua altura. Desta forma pretende-se concluir que a altura de um paralelogramo relativa a um lado (tomado como base) é um segmento de reta que une um ponto do lado oposto com a reta que contém a base e lhe é perpendicular. (pág.26)

Para consolidar os conteúdos serão realizados alguns exercícios.

Anexo R – Diários de bordo

Matemática

23 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior feita por um aluno no quadro. Em grupo recordar o que foi lecionado na aula anterior e posteriormente a professora dita o que deve ser escrito.

A professora posteriormente pergunta a cada aluno se fez o trabalho de casa e faz o respetivo registo.

Para começar a aula, a professora escreve no quadro um conjunto de exercícios para os alunos fazerem o cálculo mental. Após alguns minutos, a professora faz a correção no quadro pedindo aos alunos que respondam. Durante a correção a professora recorda algumas estratégias que ajudam os alunos a fazer os cálculos.

Em seguida segue-se a correção de casa no quadro.

Recapitulação de matéria lecionada:

- Triângulos;
- Ângulos internos.

Com a ajuda de papel vegetal, os alunos irão descobrir a soma dos ângulos externos do triângulo:

1. decalcar um triângulo;
2. recortar os ângulos externos do triângulo após a sua pintura;
3. colar no caderno os ângulos dos vértices e classificar.

A professora espera que os alunos cheguem à conclusão que a soma dos ângulos externos do triângulo tem uma amplitude de 360° . Após a atividade os alunos passam para o caderno as definições.

Esta aula, às segundas-feiras, é coadjuvada por outra professora de Matemática. Para a realização de alguns exercícios, a turma é dividida em dois devido à heterogeneidade da turma.

25 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior no quadro.

Classificação de triângulos quanto aos lados. Projeção dos conteúdos no quadro e respetiva cópia para os cadernos diários

Resolução de exercícios sobre os conteúdos abordados.

Após o intervalo os alunos realizam um desafio de cálculo mental. Esta atividade decorre semanalmente e o mesmo desafio é feito em todas as turmas do 5º ano.

História e Geografia de Portugal

24 fevereiro 2015

A aula começa com a escrita do sumário da aula anterior no quadro feito por um aluno por ordem numérica. O aluno apresenta uma proposta de sumário de acordo com os conteúdos lecionados e após a aprovação escreve-o no quadro.

Enquanto o aluno escreve o sumário a professora faz a chamada para marcar as presenças.

Aula expositiva sobre os tipos de vestuário no século XIX. A professora começa a aula com uma parte introdutória mais expositiva e segue para uma apresentação em PowerPoint onde mostra alguns exemplos da vida quotidiana nas zonas rurais.

No final da aula a professora marca o trabalho de casa que se refere ao conteúdo, assunto, da aula seguinte.

26 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior no quadro. Abertura da lição da aula do dia. Chamada e registo do trabalho de casa realizado.

Correção oral do trabalho de casa.

Recurso ao PowerPoint com imagens para lecionar os conteúdos da aula.

A professora apresenta algumas profissões existentes no séc. XIX mostrando imagens de como se vestiam e ia mencionando as palavras que apregoavam. Os alunos mostraram grande interesse e vontade de aprender mais.

Português

25 fevereiro 2015

A aula começa com a escrita do sumário da própria aula no quadro por um aluno.

Em seguida a professora faz uma introdução a um texto informativo sobre a religião grega perguntando o que os alunos conhecem. Faz-se uma breve discussão sobre alguns acontecimentos e conhecimentos dos alunos sobre esse tema.

Leitura do texto informativo seguindo uma ordem aleatória. A leitura é intercalada com comentários da professora para complementar a informação lida.

Realização de exercícios sobre o texto. Durante a resolução a professora movimenta-se pela sala vendo o progresso/desenvolvimento dos alunos.

Término da aula completando um esquema sobre os conteúdos abordados e cópia para o caderno diário.

Marcação do trabalho de casa.

27 fevereiro 2015

Escrita do sumário do próprio dia no quadro por um aluno – ordem numérica.

Correção oral do trabalho de casa.

Leitura e interpretação do texto “Filémon e Báucis”. Durante a leitura a professora complementa os conteúdos de um aspeto cultural e interligação com outros conteúdos.

Recurso ao PowerPoint com imagens para enquadrar a Grécia antiga mostrando vestígios de templos, teatros...

Apresentação das divindades que entram na história do texto lido – Mercúrio, Atenas, Zeus, Jupiter.

Ciências Naturais

25 fevereiro 2015

A professora abre o programa da escola onde introduz o sumário e faz o registo das faltas. O sumário é escrito pela professora ao mesmo tempo que os alunos o copiam para o caderno.

Escrita do sumário da aula do dia do departamento. Abertura do sumário do dia.

Chamada realizada com registo de presenças e faltas de material. Ajuda de um aluno que também faz o registo (possível delegado)

Revisões sobre os conteúdos abordados no teste de avaliação. A professora vai colocando questões e os alunos levantam o braço para responder.

26 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior e devido ao comportamento dos alunos é escrito o sumário da aula do dia “Cópia de regras de sala de aula, por se terem perdido 15 minutos até os alunos se acalmarem para dar início à aula.”

Anexo S – Feira Medieval



Anexos

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Relação aluno-professor

Anexo B – Diversificação de estratégias

Anexo C – Exemplo de Planificações 1º CEB

Anexo D – Exemplo de Reflexão 1º CEB

Anexo E – exemplo de Ficha Formativa – Ficha de Revisões 1º CEB

Anexo F – Planificação de Ciências Naturais

Anexo G – Elaboração de um cartaz

Anexo H – Atividade experimental – influência dos fatores abióticos

Anexo I – Diferenciação Individual

Anexo J – Jogo do Bingo

Anexo K – PowerPoint Português

Anexo L – PowerPoint História e Geografia de Portugal

Anexo M – Timeglider

Anexo N – Entrega de trabalhos de grupo de História e Geografia de Portugal

Anexo O – Teste de Ciências Naturais

Anexo P – Grelha de Avaliação do Teste de Ciências Naturais

Anexo Q – Planificação de Matemática 2º CEB

Anexo R – Diários de Bordo

Anexo S – Feira Medieval

Anexo A – Relação aluno-professor

Nome da Criança: M.

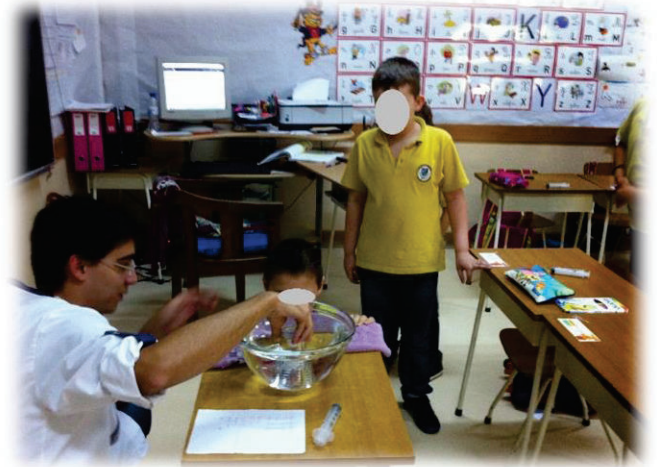
Idade: 7 anos

Observador: Professor estagiário

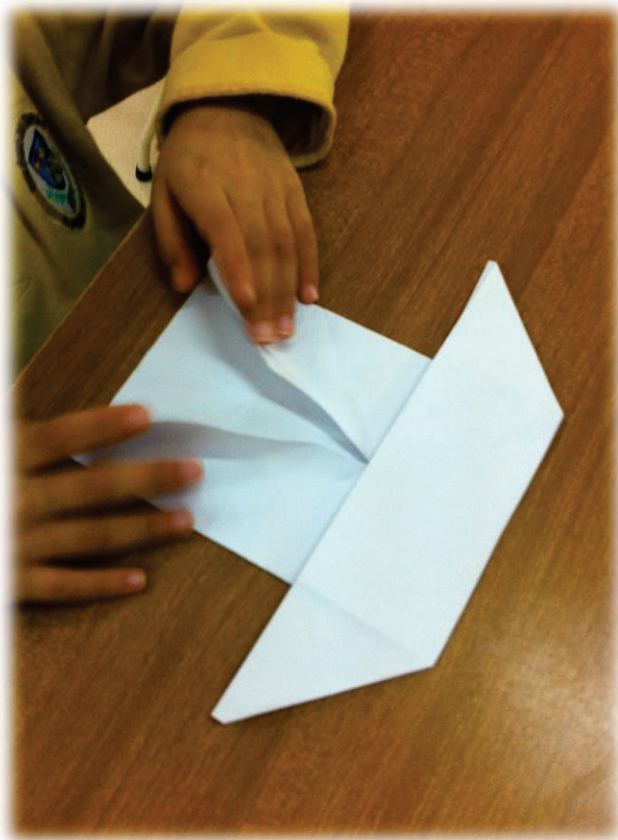
Incidente: O aluno estava com dificuldades em resolver o exercício no qual lhe era pedido para dizer quantos lados tem um pentágono. O aluno não estava a conseguir identificar a figura geométrica. Desta forma, e sabendo do seu gosto e interesse pelo clube de futebol, fiz a ligação de penta ao número de campeonatos ganhos consecutivamente. Penta campeão e pentágono têm em comum cinco. Assim como um clube penta campeão tem cinco títulos (consecutivos), o pentágono tem cinco lados. A partir deste momento o aluno mostrou um maior interesse pela tarefa.

Quando vamos ao encontro dos gostos das crianças, elas tendem a mostrar um aumento de interesse e passam a gostar mais da tarefa.

Anexo B - Diversificação de estratégias Atividade Experimental 1º CEB



Construção de Origami



Anexo C – Exemplo de Planificações 1ºCEB

Professora supervisora: Brigitte Silva	Ano de escolaridade: 2º ano	Data: 20 de outubro, 2014
Professor cooperante:	Turma: A	Tempo: 120 min
Professor estagiário: Joshua Vieira	Aula n° 28	Ano letivo: 2014/2015
Sumário:		

Área	Domínio	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação	
E S T U D O D O M E I O	À descoberta dos materiais e objetos	Realizar experiências com o ar	Reconhecer a existência de ar	1. Diálogo com os alunos sobre a importância do ar;	Seringas;			
				2. Experiência com seringas; 2.1. Entrega de seringas a cada aluno para experimentarem a presença de ar dentro da seringa vazia				
				3. Experiência com a garrafa; 3.1. Experimentação realizada em grande grupo				Garrafa de plástico com tampa; Recipiente com água;
				4. Experiência com o copo				Copo transparente; Folha de papel

Operacionalização:

A aula inicia-se com um pequeno diálogo em relação à importância e existência do ar. Durante o diálogo o professor vai colocando questões de forma a perceber o conhecimento dos alunos quanto ao ar.

A primeira atividade experimental será realizada com seringas. Será entregue a cada aluno uma seringa para este a experimentar de forma a perceberem que a seringa parecendo vazia tem ar. Após a experimentação segue-se outra atividade experimental envolvendo uma garrafa vazia com tampa e um recipiente com água. A atividade consiste em submergir a garrafa com água dentro do recipiente com água e posteriormente abrir a tampa da garrafa dentro da água. O ar presente dentro da garrafa irá ser libertado para que a água entre dentro da garrafa. Desta forma os alunos irão ver bolhas de ar a serem libertadas dentro da água. Antes da realização da experiência o professor vai interrogar os alunos de forma a obter algumas previsões. Após a atividade será recolhido oralmente o resultado. O que é que aconteceu? Porque é que se formaram bolhas dentro da água? Onde estava o ar? O ar ocupa espaço?

A última atividade experimental será realizada com o recipiente com água, um copo transparente e um papel. O papel será amachucado e colocado no fundo do copo de forma a não cair quando estiver com a abertura virada para baixo. Posteriormente o copo será mergulhado com a abertura para baixo no recipiente com água. Ao retirar o copo o papel estará seco. O que aconteceu? O papel não ficou molhado? Porquê? Mais uma vez a atividade tem como objetivo mostrar que o ar ocupa espaço. Ao colocar o copo virado para baixo não deixamos que o ar seja libertado. Como o ar ocupa espaço não deixa que a água entre no copo e molhe o papel.

A última atividade será registada no caderno diário. Os tópicos a registar são:

Questão problema – o ar ocupa espaço?

Previsão – registo das respostas dos alunos prevendo o que acontecerá no fim da atividade.

Experimentação – explicação da atividade

Recursos – materiais usados nas experiências.

Resultados – registo dos resultados das experimentações.

Avaliação – Comparar as respostas dadas pelos alunos antes da experimentação com os resultados.

Conclusão – Responder à questão problema.

Após o registo no caderno da atividade os alunos irão realizar a atividade do manual na página 22 de forma a consolidar a questão “Será que existe ar em todo o lado?”.

As Estratégias ao Serviço da Diferenciação Pedagógica no Ato de Aprender

Professora supervisora: Brigitte Silva	Ano de escolaridade: 2º ano	Data: 03 de novembro, 2014
Professor cooperante:	Turma: A	Tempo: 300 min
Professor estagiário: Joshua Vieira	Aula nº	Ano letivo: 2014/2015
Sumário:		

Área	Domínio	Conteúdos	Descritores de Desempenho / objetivos de aprendizagem	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
P O R T U G U Ê S	Escrita		Estruturar as atividades a realizar durante o dia Construção mental da linha do tempo (o que fez antes e o que fez depois)		8. Escrita do sumário no quadro feita pelo professor e cópia para os cadernos diários; 9. Escrita de um pequeno texto e respetiva ilustração relativamente ao fim de semana;	Caderno diário	Total 135min 30min	Formativa
	Leitura e escrita	Informação essencial e acessória Tema e assunto	-responder a questões acerca do que ouviu; -refer o essencial de um pequeno texto ouvido;	Meta8 1-ler pequenos textos descritivos	10. Leitura do texto “A bruxa Mimi” p.42 feita pelos alunos;	Manual	5min	
	Oralidade			Meta 3 3-utilizar progressivamente a entoação e o ritmo adequados	11. Recapitulação oral do texto;			5min

P O R T U G U Ê S						
Oralidade	Leitura e escrita	<p>Texto narrativo, título</p> <p>Introdução, desenvolvimento e conclusão</p> <p>Personagem, espaço, tempo, ação</p> <p>Reconto</p>	<p>Propor soluções/alternativas distintas, mas compatíveis com a estrutura nuclear do texto</p>	<p>Meta 4 1-responder adequadamente a perguntas</p> <p>Meta 10 4-indicar os aspetos nucleares do texto de maneira rigorosa, respeitando a articulação dos factos ou das ideias e as intenções do autor</p> <p>Meta 4 4-recontar e contar</p> <p>Meta20 5-Recontar uma história ouvida ou lida.</p> <p>Meta 4 5-desempenhar papeis específicos</p>	<p>12. Realização dos exercícios de interpretação das p.43 e 44:</p> <p>a. identificar personagens, local e ação;</p> <p>b. encontrar outra solução para o problema encontrado no texto;</p> <p>c. recontar oralmente a história.</p> <p>d. Leitura e identificação</p> <p>e. Pintar de acordo com a descrição</p>	95min
Oralidade						
Educação Literária						
Leitura e escrita						

		em atividades de expressão orientada					
Área	Domínio	Conteúdos	Metas Curriculares	Atividades/Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
M A T E M Á T I C A	Geometria e Medida	Figuras geométricas -triângulos isósceles, equiláteros e escalenos -quadriláteros -pentágonos e hexágonos -construção de figuras com eixo de simetria	Meta 2 Reconhecer e representar formas geométricas	13. Figuras geométricas que compõem uma casa;	Folhas de papel Manual	Total 105min	Formativa
			7. identificar e representar quadriláteros e reconhecer os losangos e retângulos como casos particulares de quadriláteros	14. Composição e decomposição de figuras – experimentação;			
			8. identificar e representar pentágonos e hexágonos;	15. Realização dos exercícios no manual, página 46 e 47;			
			10. identificar figuras geométricas numa composição e efetuar composições de figuras geométricas	16. Construção do tangram e respetiva exploração	Tesoura Folha tangram.		

Área	Domínio	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Atividades/Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
E S T U D O D O M E I O	Bloco 1 À descoberta de si mesmo	O seu corpo	Reconhecer modificações do seu corpo (queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva...).	17. A saúde do meu corpo: 18. Conversa com os alunos sobre os dentes;		Total 60min	Formativa
		A saúde do seu corpo	Conhecer e aplicar normas de: -higiene do corpo (hábitos de higiene diária);	19. Caries 12.1-o que é 12.2-evolução 12.3-causas	Vídeo progressão da cárie;		
				20. Importância de lavar os dentes 21. Como lavar os dentes 22. Realização dos exercícios do manual página 32 23. Visualização de um vídeo sobre os dentes e a formação das caries	Manual		

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário no quadro e respetiva cópia para o caderno diário. À medida que os alunos vão terminando de passar o sumário começam a redigir dois parágrafos relativamente ao fim de semana e respetiva ilustração.

Posteriormente os alunos irão fazer a leitura do texto “A bruxa Mimi” em voz alta lendo cada aluno uma porção do texto. Caso seja necessário a leitura será repetida para todos os alunos praticarem a leitura e ao mesmo tempo perceberem e conhecerem melhor o texto. No final da leitura os alunos serão questionados de forma a fazerem uma recapitulação do texto. Esta atividade serve para o professor perceber se o texto foi percebido pelos alunos de forma a poder continuar com as atividades ou caso seja necessário algum esclarecimento relativamente ao texto.

Segue-se a realização dos exercícios propostos nas páginas 43 e 44 do manual. Para começar os alunos identificam as personagens da história, assim como o local onde esta se desenrola. Identificam o problema e as diferentes soluções apresentadas e depois é pedido para encontrarem uma outra solução para além daquelas apresentadas no texto. Posteriormente e em grande grupo os alunos irão recontar oralmente a história pensando que têm como público alvo alunos do primeiro ano. Para esta atividade devem aproveitar as indicações do “mapa da história” (personagens, local, ação). Os exercícios seguintes são de identificação de acordo com indicações prévias e pintura de acordo com a descrição feita.

Uma vez que a última atividade em português é a pintura de uma casa e do seu interior de acordo com a descrição, o professor questiona os alunos sobre as figuras geométricas que compõem uma casa (triângulos, quadrados, retângulos, circunferências – telhado, paredes, janelas). Desta forma os alunos irão perceber que uma figura pode ser constituída por várias figuras geométricas. Introduce-se assim a disciplina de matemática.

Esta área será mais trabalhada a partir da experimentação. Será entregue a cada aluno uma folha quadrada de forma a experimentarem através da dobragem e corte a descoberta de novas figuras geométricas. A partir do quadrado conseguem obter outras figuras geométricas como o triângulo e o retângulo. Em seguida os alunos realizarão os exercícios das páginas 46 e 47 do manual. No final será trabalhado o nome atribuído a cada figura geométrica. As figuras geométricas regulares (triângulo regular, quadrado, pentágono regular, hexágono regular) e não regulares (triângulos, quadriláteros, pentágonos,

hexágonos). Para finalizar os alunos irão construir individualmente um tangram e poderão explorar as figuras que consigam construir.

Estudo do meio.

Em conversa com os alunos iremos ver algumas características dos dentes. Desta forma tentarei usar a experiência dos alunos para introduzir o tema cuidados a ter com a higiene oral. Através da conversa levarei o tema para a formação das cáries. O que é uma cárie, as causas e a forma como evolui. Posteriormente falarei dos cuidados a ter de forma a minimizar as probabilidades de formação de cáries. Sensibilização dos alunos para uma boa higiene oral. No final será apresentado um vídeo sobre a saúde oral.

Anexo D – Exemplo de Reflexão 1º CEB

Data: 21/09/2014

Turma: 2ºA

Local: Sala de aula

Após a realização das tarefas do dia, surgiu a oportunidade de construir um vira ventos em origami. Esta atividade surgiu no âmbito da área de estudo do meio sobre a presença do ar. Esta era uma atividade individual, onde cada aluno construía o seu vira vento seguindo as minhas instruções. A atividade é exigente ao nível da motricidade e por isso muitos alunos revelaram dificuldades. No entanto o N, um aluno que está sinalizado com necessidades educativas especiais e que revela dificuldade em acompanhar o grupo, não teve dificuldades na realização desta atividade. Pelo contrário, era o primeiro a conseguir concretizar as instruções.

Comentário: Sendo que a maioria da turma teve dificuldades na realização da atividade, eu não esperava que o N demonstrasse tanto sucesso na atividade.

Perante este incidente, pensei que seria importante refletir sobre ele.

A primeira questão que surgiu na minha mente foi: “ como é que este aluno conseguiu?” e logo de seguida respondi à pergunta com: “mas porque não ele?”. Esta sucessão de perguntas levou-me a uma outra: “mas afinal em que consiste a inteligência?”. Esta última questão surgiu porque comecei a pensar que apesar do N ser um aluno com NEE, tal não interferiu na realização desta atividade, logo mostra-me que é possível este aluno possuir competências noutras áreas.

Este último pensamento fez-me recorrer à teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner. Segundo Gardner (1983 in Papalia, Olds e Feldman 2001 p.436) uma pessoa possui várias e diferentes inteligências: inteligência linguística, lógico-matemático, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Este autor vai ainda mais longe e refere mesmo que o facto de uma pessoa ser muito forte numa área, não implica obrigatoriamente ser forte noutra área distinta. Esta teoria vai ao encontro do incidente inicialmente referido, na medida em que o N estava a revelar que uma das suas áreas fortes

é a corporal-cinestésica, no entanto ao nível da linguística e no lógico - matemática o mesmo não se verifica.

Também Shelter (1984 in Papalia, Olds e Feldman 2001 p.437), se debruça sobre esta questão e menciona que através da observação é possível revelar as áreas fortes e fracas, para assim se conseguir orientar o desenvolvimento do aluno.

Este último autor levou-me a fazer uma retrospeção das minhas aulas e fez-me questionar sobre as estratégias utilizadas. Será que quando planifico utilizo estratégias que permitem a apreensão dos conhecimentos de alunos com diferentes inteligências? Ou será que utilizo sempre o mesmo tipo de estratégias? É aqui que se concentra a verdadeira problemática, pois não há nada de errado em ter áreas de inteligência mais fortes que outras. O problema existe quando eu não diversifico as estratégias e permito que existam áreas de inteligência privilegiadas relativamente a outras.

Este incidente levou-me assim a modificar as estratégias que constituem as minhas planificações, pois agora tentarei utilizar estratégias que visem utilizar o corpo como meio de aprendizagem, criando assim a possibilidade do N acompanhar a turma.

Claramente que o N não é o único nesta situação, ainda que esta seja a mais evidente. Todos os alunos terão obviamente as suas áreas fortes e fracas, podem é estar mais equilibradas, contudo é sempre bom diversificar para poder alcançar a todos.

Anexo E – Exemplo de Ficha Formativa – Ficha de Revisões 1º CEB

1. Faz a leitura do texto com atenção.

A primeira prenda do Pai Natal

O Pai Natal acordou muito cedo. Olhou para o lado: a Mãe Natal ainda dormia. Levantou-se com muito cuidado (se ela acordava de repente ficava impossível de aturar) e, em bicos de pés, foi até à porta da rua. Abriu-a muito devagar e lançou os olhos, ainda vagamente piscos de sono, pela imensidão gelada à sua frente. Neve, neve e nada mais além de neve. Uma brancura que até fazia arder a vista.



- Ainda não é desta... - murmurou desanimado.

Voltou a fechar a porta e sentiu-se cansado.

- Mas por que é que, em todo o mundo, só eu é que não tenho direito a receber um presente de Natal? – murmurou, olhando a lista que a Mãe Natal lhe tinha deixado em cima da mesa, para que não se esquecesse de nada.

Até ela tinha direito à sua prenda. Durante muitos anos, limitara-se a pedir “umas luvas de lã, pois tenho sempre as mãos enregeladas”. Mas ao fim de tantos anos já não havia gavetas que chegassem para guardar as luvas – e as mãos continuavam enregeladas.

Alice Vieira, 2 histórias de Natal, Caminho, 2002

2. Qual o título da história?

R: _____

3. Qual a personagem principal da história?

R: _____

4. Em que época do ano se passa esta história?

R: _____

5. Porque é que o Pai Natal acordou muito cedo? Assinala com X a resposta correta.

Porque estava com dor de cabeça.

Porque estava ansioso por receber uma prenda.

Porque estava ansioso por ver a neve.

6. Identifica o assunto do texto.

R: _____

7. Achas que o Pai Natal também tem direito a receber uma prenda? Porque?

R: _____

8. Reescreve as frases, substituindo as palavras sublinhadas pelas palavras do quadro ao lado com significado contrário.

8.1. O Pai Natal acordou muito cedo.

8.2. Abriu-a muito devagar e lançou-lhe os olhos.

tarde
fechou-a
depressa
adormece

9. Liga as palavras com significados semelhantes.

Muito •

Lançou •

Desanimado •

Cansado •

Prenda •

Enregeladas •

• Atirou

• Congeladas

• Bastante

• Presente

• Esgotado

• Abatido

10. Assinala os parágrafos do texto. Quantos são?

11. Completa a tabela com palavras do texto. Segue o exemplo.

1 sílaba	2 sílabas	3 sílabas	4 sílabas
pai			

12. Encontra na história 3 frases com determinantes artigos definidos ou indefinidos.

1. _____
2. _____
3. _____

13. Escreve palavras relacionadas com o Natal.

_____	Natal	_____
_____		_____
_____		_____

14. Escreve uma pequena carta para entregar a um colega da outra turma do 2º ano. Deves escrever uma mensagem com os teus desejos para o seu Natal.

Anexo F – Planificação de Ciências Naturais

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS								
Professora supervisora: Ana Luísa Ferreira Professor cooperante: Professor estagiário: Joshua Vieira Sumário: Metamorfose na rã e nos Insetos		Ano de escolaridade: 5º ano Turma: I Aula n.º 64	Data: 12 de março, 2015 Tempo: 50 min Ano letivo: 2014/2015					
Área	Bloco	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação
C I Ê N C I A S N A T U R A I S	Diversidade de Seres Vivos e Suas Interações com o Meio	Diversidade nos animais	Conhecer a diversidade de comportamentos dos animais relacionados com a reprodução	9. Compreender a diversidade de processos reprodutivos dos animais. 9.6. Distinguir animais ovíparos e de vivíparos	1. Escrita do sumário da aula anterior e abertura do sumário da aula. 2. Diálogo com os alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior.	Quadro	10'	
				9.7. Indicar dois exemplos de animais que passem por metamorfoses completas durante o seu desenvolvimento.	3. Introdução à metamorfose: 3.1. O que é metamorfose; 3.2. Metamorfose na rã:	Apresentação o PPT	25'	Formativa

C I Ê N C I A S N A T U R A I S					<p>a) Análise das diferentes fases.</p> <p>3.3. Metamorfose nos insetos:</p> <p>a) Análise das diferentes fases.</p> <p>4. Construção de um quadro com as diferentes fases de desenvolvimento da rã e do grilo.</p>	<p>Imagens Cartolina Cola Caneta</p>	<p>10'</p>	
--	--	--	--	--	---	--	------------	--

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário no quadro. Em seguida, será realizado um conjunto de perguntas de forma a relembrar o tema estudado na aula anterior.

Quais são os processos reprodutivos dos animais?

- **Vivíparos** – o desenvolvimento do novo ser acontece no interior do corpo da fêmea, dentro do útero;
- **Ovíparos** – o embrião desenvolve-se dentro de um ovo, fora do corpo materno;
- **Ovovivíparos** – as fêmeas mantêm os ovos dentro do seu corpo durante o desenvolvimento do embrião.

Dando seguimento ao tema, será introduzida a metamorfose na rã e nos insetos. Será projetado no quadro uma apresentação em Power Point com a definição, imagens e vídeos sobre o tema.

Relativamente à metamorfose na rã serão analisadas as suas fases: ovo, girino, respiração por brânquias externas, crescimento dos membros posteriores, crescimento dos membros anteriores, diminuição da cauda e a respiração por pulmões na fase adulta.

Relativamente à metamorfose nos insetos serão abordadas as metamorfozes completas e incompletas.

Completas:

- Ovo;
- Larva;
- Crisálida ou Pupa;
- Inseto adulto.

Incompletas:

- Ovo;
- Larva ou Ninfa;
 - Inseto adulto. No final da apresentação de Power Point os alunos irão copiar para o caderno um breve resumo dos conteúdos abordados.

Como atividade final, será construído em grande grupo um quadro com as diferentes fases de desenvolvimento da rã e do grilo.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS	
<p>Professora supervisora: Ana Luísa Ferreira Professor cooperante: Professor estagiário: Joshua Vieira</p>	<p>Ano de escolaridade: 5º ano Turma: I Aula nº</p>
<p>Data: 16 de abril, 2015 Tempo: 50 min Ano letivo: 2014/2015</p>	
<p>Sumário: Correção do trabalho de casa. A influência da, água, luz e temperatura nas plantas. Atividade experimental.</p>	

Área	Bloco	Conteúdos	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Atividades/ Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação		
C I Ê N C I A S N A T U R A I S	Diversidade de Seres Vivos e Suas Interações como Meio	Diversidade nas plantas	Influência dos fatores abióticos nas adaptações morfológicas das plantas.	<i>12. Conhecer a influência dos fatores abióticos nas adaptações morfológicas das plantas</i>	<ol style="list-style-type: none"> 5. Escrita do sumário da aula anterior e abertura do sumário da aula. 6. Correção dos exercícios da pág 176. 7. Construção de um cartaz com a legenda das diferentes partes da planta. 8. Influência da água luz e temperatura nas plantas. 	Quadro Manual Cartolina Imagem Marcador Power Point	5' 10' 10' 10'	Formativa		
									<ol style="list-style-type: none"> 12.1. Descrever a influência da água, da luz e da temperatura no desenvolvimento das plantas 	
										12.1. Descrever a influência da água, da luz e da temperatura no desenvolvimento das plantas

C I Ê N C I A S N A T U R A I S					
				12.2. Testar a influência da água e da luz no crescimento das plantas, através do controlo de variáveis, em laboratório.	9. Atividade experimental.
					Copos Algodão Feijão Tiras de papel Água Folha de registo
					15'

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário da aula. Em seguida serão corrigidos os exercícios da página 176 do manual que foram como trabalho para casa. No final desta atividade e para consolidar os conhecimentos será construído um cartaz identificando as diferentes partes das plantas.

Num segundo momento será trabalhada a influência da luz, água e temperatura nas plantas. Será feita uma apresentação onde podemos ver a influência dos diferentes fatores abióticos.

No final da aula será construída uma atividade com a finalidade de verem a influência dos fatores abióticos na germinação.

Influência dos fatores abióticos na germinação

Questão Problema	O que mantemos	O que mudamos	Previsão	O que verificamos	Resposta à questão problema
Qual a influência da temperatura na germinação?	3 sementes copo A 3 sementes copo B humedecidas com água	A – frigorífico B – fora do frigorífico			
Qual a influência da humidade na germinação?	3 sementes copo C 3 sementes copo D	C – com água D – sem água			
Qual a Influência da luz na germinação?	3 sementes copo E 3 sementes copo F humedecidas com água	E – janela F – armário			

Anexo G – Elaboração de um cartaz



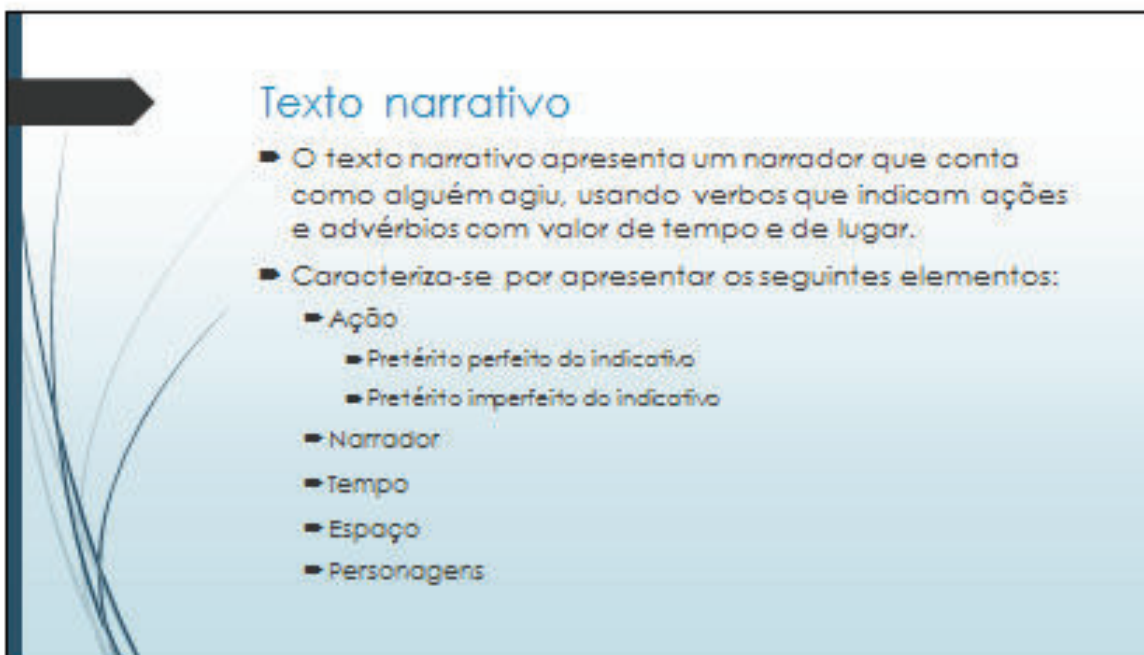
Anexo H – Atividade experimental – influência dos fatores abióticos

Questão Problema	O que mantemos	O que mudamos	Previsão	O que verificamos	Resposta à questão problema
Qual a influência da temperatura na germinação?	3 sementes copo A 3 sementes copo B humedecidas com água	A – frigorífico B – fora do frigorífico			
Qual a influência da humidade na germinação?	3 sementes copo C 3 sementes copo D	C – com água D – sem água			
Qual a Influência da luz na germinação?	3 sementes copo E 3 sementes copo F humedecidas com água	E – janela F – armário			

Anexo I – Diferenciação individual

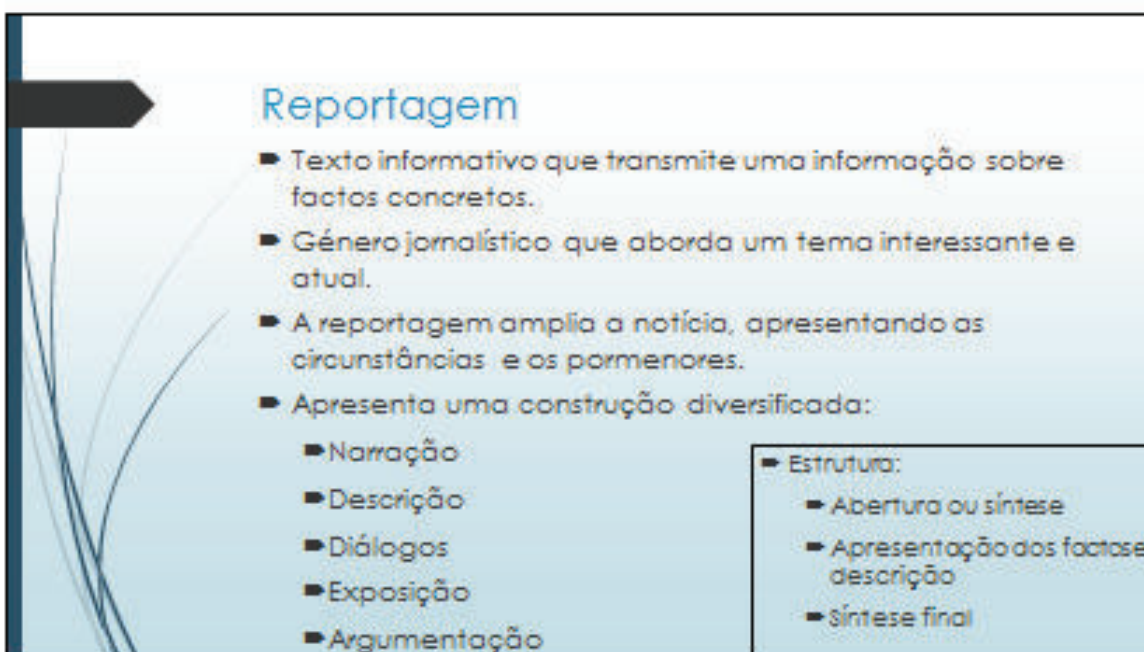


Anexo K – PowerPoint Português



Texto narrativo

- O texto narrativo apresenta um narrador que conta como alguém agiu, usando verbos que indicam ações e advérbios com valor de tempo e de lugar.
- Caracteriza-se por apresentar os seguintes elementos:
 - Ação
 - Pretérito perfeito do indicativo
 - Pretérito imperfeito do indicativo
 - Narrador
 - Tempo
 - Espaço
 - Personagens

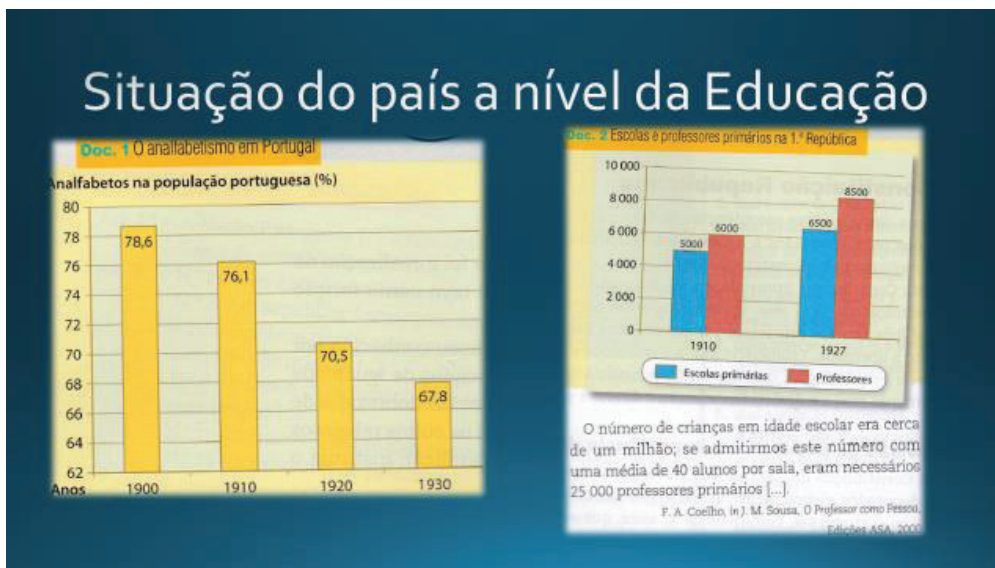


Reportagem

- Texto informativo que transmite uma informação sobre factos concretos.
- Género jornalístico que aborda um tema interessante e atual.
- A reportagem amplia a notícia, apresentando as circunstâncias e os pormenores.
- Apresenta uma construção diversificada:
 - Narração
 - Descrição
 - Diálogos
 - Exposição
 - Argumentação

- Estrutura:
 - Abertura ou síntese
 - Apresentação dos factos e descrição
 - Síntese final

Anexo L – PowerPoint História e Geografia de Portugal



Doc. 3 Pela educação e contra o trabalho infantil

[...] O trabalho útil das crianças, trabalho remunerado, não é exercício que convenha ao seu desenvolvimento físico, e a ele são obrigadas as crianças pobres [...]. O Estado, decretando a obrigatoriedade do ensino primário, contratou, ele próprio, a obrigação de tornar possível, de tornar prática essa obrigação.

Por um lado, há falta de escolas, e por outro lado um grande número de crianças, por motivos de ordem económica não pode frequentar a escola da sua freguesia [...] sem um fatinho decente [...], sem uma refeição que a conforte a meio do período escolar. Em Lisboa, muitas crianças vão para a escola tendo comido uma bucha nem sempre acompanhada dum gole de café [...] a sua escola não tem cantina que lhe forneça de graça, ou quasi de graça, uma singela, mas reconfortante refeição [...].

Brilo Camacho, De Bom Humor, Livraria Editora Guimarães & C.ª, 1933.

Uma escola sem professor

Informa-nos um nosso amigo de que em S. Miguel do Monte, deste concelho, existe uma casa nova e mobilada, com renda a correr por conta do Estado, destinada a uma escola. A casa e a mobília lá estão, mas o professor é que ainda não foi nomeado.

Dizem-nos que para a nomeação do professor havia compromissos por causa da ilegalidade da eleição de Villacova.

Ora para que se não continue a dizer que quem manda ainda são os monarchicos, por causa de uns despachos de professores, etc., que apontados no tempo da monarchia tem sido feitos agora, era bom que para S. Miguel do Monte fosse nomeado professor da escola dos republicanos e não nenhum protegido de monarchicos que se tenha metido em nigromancias delles.

Situação do país a nível da Educação

- 76% da população analfabeta;
- Poucas escolas;
- Escolas pequenas e mal equipadas;
- A maior parte das crianças não frequentava a escola;
- Trabalho infantil.

As Reformas na Educação

- Criação do ensino infantil público para crianças dos 4 aos 7 anos



JARDIM-ESCOLA NO PORTO, 1915



Collegio Nacional de Lisboa - Sala de aula de primeira classe



Collegio Nacional de Lisboa

Vista geral da L. II comarcas

- Criação de mais escolas primárias



Quadro 3: Escolas primárias do ensino elementar (até 1919) e do ensino geral de iniciativa oficial em Portugal, 1905-1927.

Anos	Escolas			Total
	Masculinas	Femininas	Mistas	
1905/06	-	-	-	5220
1906/07	-	-	-	5268
1907/08	3039	1734	574	5347
1908/09	3050	1773	605	5428
1909/10	3067	1819	666	5552
1910/11	-	-	-	-
1911/12	3079	2157	1176	6412
1912/13	3071	2197	1248	6516
1913/14	3074	2211	1308	6593
1914/15	3092	2244	1364	6700
1915/16	3066	2263	1427	6756
1916/17	3085	2293	1484	6862
1917/18	2918	2188	1367	6473
1918/19	2938	2228	1397	6563
1919/20	-	-	-	6515
1920/21	-	-	-	6564
1921/22	-	-	-	-
1922/23	-	-	-	6475
1923/24	-	-	-	6327
1924/25	-	-	-	6479
1925/26	-	-	-	6657
1926/27	-	-	-	6648

Fonte: Instituto Estatístico de Portugal - Anos de 1905, 1909/10, 1910, 1912, 1916, 1921, e 1927.

• Construção de novos liceus e escolas técnicas



AULA NO LICEU DE PASSOS MANUEL, 1921



INAUGURAÇÃO DO LICEU PASSOS MANUEL - 2 Janeiro 1911

• Criação de Escolas Normais



Edifício onde funcionava a Escola Normal; hoje Escola Superior de Educação de Lisboa

- Criação de Escolas Normais



Escola Normal do Porto

- Fundação das Universidades do Porto e Lisboa



1945



• Criação das Escolas Móveis

Quadro 4: Escolas móveis de iniciativa oficial segundo o número de alunos matriculados, aproveitamento e professores, 1913-1930.

Anos	Escolas	Alunos Inscritos			Aproveitamento		Professores		
		Masc.	Fem.	Total	Total	%	Masc.	Fem.	Total
1913/14	257	-	-	13812	3776	27,3	-	-	-
1914/15	236	-	-	18260	5220	28,6	-	-	-
1915/16	243	-	-	13130	5992	44,9	-	-	-
1916/17	225	-	-	11534	4512	39,1	-	-	-
1917/18	220	-	-	-	-	-	74	155	229
1918/19	187	-	-	-	-	-	61	126	187
1919/20	330	-	-	19698	7435	44,5	87	243	330
1920/21	330	10428	6445	16873	7324	43,4	94	236	330
1921/22	330	8493	5438	13931	10289	73,9	94	236	330
1922/23	317	9928	4962	14890	9309	62,5	87	230	317
1923/24	319	9423	4917	14340	8305	57,9	87	232	319
1924/25	311	8779	4310	13089	6280	48	78	233	311
1925/26	318	9085	4674	13759	5809	42,2	94	234	318
1926/27	305	8377	4421	12798	5186	40,5	82	226	308
1927/28	289	7841	4354	12195	4504	36,9	70	221	291
1928/29	269	6650	3640	12290	4213	40,9	57	218	275
1929/30	302	8779	5212	13991	5151	36,8	49	217	306

Fonte: José Salgado Serpa, 1969, 22-23.

As Reformas na Educação

- Criação do ensino infantil público para crianças dos 4 aos 7 anos
- Escolaridade obrigatória e gratuita dos 7 aos 10 anos
- Criação de mais escolas primárias
- Construção de novos liceus e escolas técnicas
- Criação de Escolas Normais
- Fundação das Universidades do Porto e Lisboa
- Criação das Escolas Móveis

As Reformas no Trabalho

Leis de proteção ao trabalhador

1910

- Decretado o direito a greve.

1911

- Aprovado o descanso semanal obrigatório ao domingo.

1918

- Fixado o horário de trabalho (6 dias, 8 horas diárias e 48 horas semanais).
- Estabelecido um seguro social obrigatório para acidentes de trabalho.

Doc. 4 Novas leis na educação e no trabalho

Os governos republicanos procuraram satisfazer muitas das reivindicações mais prementes através da autorização e regulamentação da greve, da instituição do descanso semanal obrigatório e da limitação dos horários de trabalho, mas deixaram vastas camadas sociais descontentes [...].

Seria, porém, no domínio da educação que a ação dos primeiros governos republicanos se revelaria mais eficaz [...]. A República decretou a instrução obrigatória e gratuita para todas as crianças entre os 7 e os 12 anos, tendo também procedido à reforma do ensino superior, nomeadamente através da fundação de duas novas universidades, em Lisboa e no Porto.

Adérito Tavares, in Memória de Portugal – O Milénio Português, coord. Roberto Carneiro, Círculo de Leitores, 2003.



O Movimento Sindical

Doc. 1 A primeira greve da República

A primeira greve rebentou logo um mês depois da implantação da República. Foi uma iniciativa dos trabalhadores da Carris que lutavam por um horário de trabalho de oito horas, salários mais elevados e melhor organização dos turnos. Esta greve muito perturbou a vida na cidade de Lisboa, porque só os elétricos da Carris asseguravam os transportes públicos. Muita gente que não estava em greve não pôde ir trabalhar por não ter maneira de chegar ao local de trabalho.

António Reis, Ana Maria Magalhães e Isabel Aijaça,
O 5 de Outubro e a Primeira República, Caminho, 2010



Anexo M – Timeglider

The screenshot displays the Timeglider interface for a biography. At the top, there is a navigation bar with a search icon, a star icon, and a hamburger menu. Below this, the URL is shown: timeglider.com/t/1159503deef32a8d?min_zoom=1&max_zoom=100. The main content area is divided into several sections:

- Biografia**: A vertical strip on the left containing a portrait of a man, a group photo of men in military uniforms, a cartoon titled "O POVO ESTÁ COM O MFA" (The People is with the MFA) with the subtitle "DINAMIZAÇÃO CULTURAL · ACCÇÃO CIVICA", a red star logo with a black rifle and the text "FP 25", and a portrait of an older man in a blue shirt.
- Timeline**: A horizontal timeline at the bottom, ranging from the 1940s to the 2040s. The current date is highlighted as "Mar 3, 1991". Navigation buttons for "prev" and "next" are visible.
- Event List**: A list of events with arrows pointing to specific years:
 - ▶ 1. Nascimento
 - ▶ 2. Estudos
 - ▶ 3. Capitão de Artilharia
 - ▶ 4. Legião Portuguesa
 - ▶ 5. Professor
 - ▶ 6. Combate em Guiné
 - ▶ 7. Comandante Militar da Revolução
 - ▶ 8. Novo golpe militar
 - ▶ 9. Prisão
 - ▶ 10. Candidato às Eleições Presidenciais
 - ▶ 11. Força de Unidade Popular
 - ▶ 12. FP-25
 - ▶ 13. Prisão
 - ▶ 14. Amnistia para o caso FP-25
 - ▶ 15. Mais informações
- Pop-up Window**: A window titled "14. Amnistia para o caso FP-25" with a red star logo. The text inside reads: "Em 1996 a Assembleia da República aprovou uma amnistia para os presos do caso FP-25."

Anexo N – Entrega de trabalhos de grupo de História e Geografia de Portugal

Biblioteca do Agrupamento de Digite o termo de busca

BLOG DA BIBLIOTECA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Entrega Trabalho Biografias

Para a entrega do teu trabalho segue os seguintes passos:

- Accede às definições de partilha da tua linha de tempo

- Em seguida clica no texto "check the public checkbox here".

- Selecciona a caixa para tornar a tua linha do tempo pública.

- Após seleccionares a caixa deve aparecer o URL semelhante a este:

- Copia esse URL e segue as instruções abaixo.
- Clica aqui para enviar o teu trabalho
- Não te esqueças de guardar as alterações no botão **save**.

Calendário

Junho 2015
D S T Q Q S S
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12 13
14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27
28 29 30
- Maio

Biografias 25abril

Aqui podes encontrar alguns links com informação sobre diversas personalidades que tiveram uma implicação na Revolução dos Cravos.

- <http://www.25abril.org/a25abril/>
- <http://www.aja.pt/>
- <http://www.rtp.pt/arquivo/?article=1100&tm=33&visual=4>
- <http://www.vidasusofonas.pt/index.htm>
- <http://www.oliveirasalazar.org/>

Páginas

- ★ ALUNOS DO 6ºA – ENTREGA do TRABALHO "BIOGRAFIAS"
- ★ BIBLIOTECAS DIGITAIS
- ★ LIVROS DIGITAIS PARA OS MAIS NOVOS
- ★ ESCRITORES PORTUGUESES
- ★ JOGOS DIDÁTICOS
- ★ LIGAÇÕES ÚTEIS POR DISCIPLINA CURRICULAR
- ★ Português
- ★ Espanhol

Anexo O – Teste de Ciências Naturais

FICHA DE AVALIAÇÃO DE CIÊNCIAS NATURAIS - 5.º Ano			
NOME _____	N.º _____	TURMA _____	DATA ____/06/2015
A PROFESSORA _____	CLASSIFICAÇÃO _____	E. Educação _____	

Grupo I

1. Completa a frase com as palavras seguintes, de forma a obteres afirmações verdadeiras.

As árvores de folha _____, como o castanheiro e o carvalho, _____ as folhas durante o _____; desta forma, reduzem a sua atividade pois deixam de efetuar a fotossíntese ou seja, deixam de fabricar o seu _____ ficando num estado de _____.

A oliveira é uma planta de folha _____ que _____ as folhas durante todo o ano e vive durante _____, produzindo frutos e _____ que caem na terra e _____, originam novas plantas. A alface é uma planta _____, uma vez que tem um ciclo de vida _____, vivendo somente _____.

curto	caduca	anual	outono/inverno	germinando	alimento	perene
dormência	perdem	sementes	na primavera e no verão	muitos anos	mantém	

2. Estabelece a correspondência correta.

As plantas podem classificar-se de acordo com a sua necessidade ou tolerância relativamente a diversos fatores do meio.

- | | |
|---|--|
| <p>Plantas de dias longos •</p> <p>Plantas de dias curtos •</p> <p>Plantas mesófitas •</p> <p>Plantas xerófitas •</p> <p>Plantas hidrófitas •</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Estão bem adaptadas a ambientes extremamente secos • Estão bem adaptadas a ambientes aquáticos. • Florescem no verão • Florescem no inverno • Estão adaptadas a ambientes em que a água não é excessivamente escassa nem abundante |
|---|--|

3. Classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F)

	A luz é essencial à sobrevivência das plantas uma vez que lhes permite produzir o seu próprio alimento.
	As folhas permitem a absorção de água e sais minerais.
	Os cactos apresentam caules camudos e folhas reduzidas a espinhos como adaptações à falta de água.
	A temperatura é o principal fator de crescimento das plantas.
	A água é abundante em ambientes desérticos, pelo que estas plantas não necessitam de realizar fotossíntese.

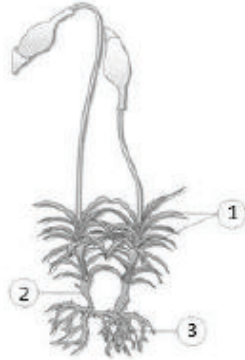
4. Explica em que consiste a floração.

5. Indica um exemplo de uma planta com flor e outro de uma planta sem flor, que conheças.

6. Como são constituídas as plantas com flor?



7. Faz a legenda da seguinte figura utilizando as palavras da chave:



1. _____
 2. _____
 3. _____

Chave:

Caulóide
 Rizoide
 Filóide

8. Classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F)

Na Terra existe uma grande diversidade de plantas.

<input type="checkbox"/>	Todas as plantas possuem flores.
<input type="checkbox"/>	Os musgos são plantas muito simples que não têm verdadeiras raízes, folhas e caules e que se reproduzem por esporos.
<input type="checkbox"/>	As flores são os órgãos reprodutores das plantas que as produzem e dão origem às sementes e, por vezes, aos frutos.
<input type="checkbox"/>	Os fetos são plantas que habitam zonas secas e ensolaradas.
<input type="checkbox"/>	Os pinheiros e as palmeiras são plantas que não produzem flores nem sementes.

9. Seleciona com um (X) a opção correta.

A biodiversidade vegetal...

<input type="checkbox"/>	deve ser protegida, principalmente, pela manutenção de ambientes naturais.
<input type="checkbox"/>	pode ser mantida com a criação de estufas e de bancos de sementes.
<input type="checkbox"/>	é importante para a nossa alimentação, pelo que devemos preservar apenas as espécies comestíveis.
<input type="checkbox"/>	tem-se mantido no planeta, uma vez que as plantas são organismos muito resistentes às alterações climáticas.

10. Identifica com o respetivo número no quadrado correspondente as opções que constituem medidas de proteção ou ameaças à biodiversidade vegetal.

1. Medidas de proteção

2. Ameaças à biodiversidade

<input type="checkbox"/>	Incêndios
<input type="checkbox"/>	Poliuição
<input type="checkbox"/>	Limpeza dos terrenos
<input type="checkbox"/>	Criação de áreas protegidas
<input type="checkbox"/>	Plantas invasoras
<input type="checkbox"/>	Construção de barragens
<input type="checkbox"/>	Alterações ao uso do solo
<input type="checkbox"/>	Proibição da colheita e abate de plantas ameaçadas

Grupo II

1. Durante as tuas aulas utilizaste um instrumento de observação que forma uma imagem ampliada de um objeto.

Explica a importância do microscópio ótico para a evolução da ciência.

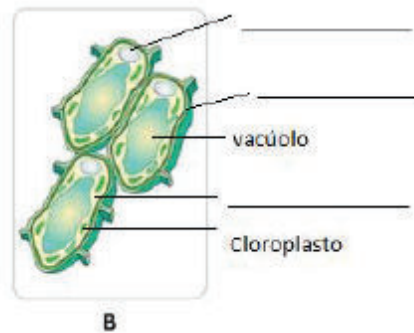
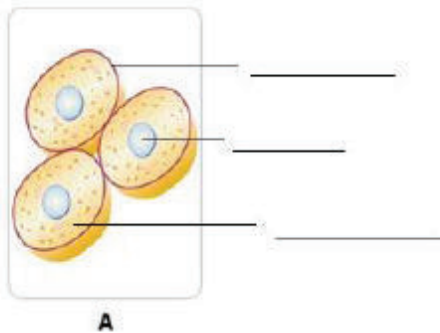
2. Coloca os números correspondentes ao nome de cada uma das partes do microscópio ótico composto.



- 1 Base
- 2 Condensador
- 3 Oculares
- 4 Platina
- 5 Coluna
- 6 Diafragma
- 7 Lâmpada
- 8 Parafuso de movimento X/Y da platina
- 9 Objetivas
- 10 Interruptor
- 11 Parafuso de focagem macro
- 12 Parafuso de focagem micro
- 13 Revólver
- 14 Tubo ótico

3. Nas aulas observaste ao microscópio células animais e células vegetais. Na figura estão representados dois conjuntos de células diferentes.

3.1. Completa a legenda da figura.



3.2. Completa os espaços em branco.

As células da figura A são células _____.

As células da figura B são células _____.

4. Durante as aulas tiveste a oportunidade de fazer diferentes observações microscópicas. Dá um exemplo de uma preparação que observaste.

5. Completa as frases com as opções corretas.

Apesar de haver uma _____ diversidade de seres vivos, todos eles são constituídos por _____. Por vezes, apenas uma única célula constitui os organismos - nos seres _____, outras vezes estas estão agrupadas em conjuntos mais complexos - nos seres _____.

pluricelulares

grande

células

unicelulares

6. Estabelece a correspondência correta.

Identifica o reino a que pertence cada um dos seguintes organismos

- | | | | |
|----------|---|---|----------|
| Bactéria | • | • | Fungo |
| Alga | • | • | Monera |
| Pulga | • | • | Planta |
| Cogumelo | • | • | Protista |
| Musgo | • | • | Animal |

7. Observa atentamente à chave dicotómica.

Chave dicotómica, simplificada, do Filo Cordados para identificação de Classes		
1	Revestimento de pele com escamas	2
	Revestimento de pele nua, pele com penas ou pele com pelos	3
2	Escamas de origem dérmica	Classe Peixes
	Escamas de origem epidérmica	Classe Répteis
3	Pele nua	Classe Anfíbios
	Pele com penas ou pelos	4
4	Pele com penas	Classe Aves
	Pele com pelos	Classe Mamíferos

7.1. Qual o objetivo desta chave dicotómica?

7.2. Utiliza a chave para classificar o animal identificando o seu reino, filo e classe.



7.3. Indica um exemplo de um animal que pertença à classe dos répteis.

Bom Trabalho!

Anexo Q – Planificação de Matemática 2º CEB

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Escola Básica e Secundária		Turma: C	Lição:
Ano de escolaridade: 5º	Ano letivo: 2014 / 2015	Data: 18 / 03 / 2015	Tempo: 100 minutos
Professora supervisora: Ana Luísa Ferreira Professora cooperante: Professor estagiário: Joshua Vieira			
Sumário: O paralelogramo. Relação entre ângulos, lados opostos e altura.			
Domínio	Subdomínio		
Geometria e Medida	Triângulos e quadriláteros.		
Objetivo geral	Descritores		
Reconhecer propriedades de paralelogramas	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar paralelogramos como quadriláteros de lados paralelos dois a dois e reconhecer que dois ângulos opostos são iguais e dois ângulos adjacentes ao mesmo lado são suplementares. • Reconhecer que num paralelogramo lados opostos são iguais. • Identifica, dado um paralelogramo, uma «altura» relativamente a um lado (designado por «base») como um segmento de reta que une um ponto do lado oposto à reta que contém a base e lhe é perpendicular. 		
Recursos / Materiais			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadro branco ▪ Manual de Matemática - 5º ano ▪ Material de escrita (caneta, lápis, borracha); Caderno diário ▪ Computador 			
Atividades a desenvolver			
Escrita do sumário anterior e abertura da lição; Identificação e definição de paralelogramo; Relação entre os ângulos de um paralelogramo; (pág. 12) Relação entre os lados opostos de um paralelogramo; (pág. 21) Alturas de um paralelogramo; (pág. 26) Resolução de exercícios.			

Operacionalização

A aula começa com a escrita do sumário da aula anterior no quadro e a abertura da lição. Com a ajuda do Geogebra será realizada uma atividade de identificação de diferentes figuras geométricas. Triângulos, quadriláteros, seguindo-se uma divisão destas figuras quanto aos ângulos (triângulos acutângulos, retângulos e obtusângulos) assim como quadrados, retângulos, losangos e paralelogramos.

Retângulos – figura geométrica cujos lados opostos são paralelos e iguais e todos os ângulos medem 90°

Quadrado – figura geométrica regular com todos os lados e ângulos iguais.

Losango – figura geométrica com os lados todos iguais e ângulos opostos iguais.

Paralelogramo – figura geométrica com dois pares de lados paralelos e dois pares de ângulos opostos iguais.

Após definir paralelogramo, será analisado em relação aos ângulos. Esta análise tem como objetivo concluir que os ângulos opostos são iguais e que os ângulos adjacentes ao mesmo lado são suplementares. (pág.12)

Posteriormente será trabalhado o paralelogramo em relação aos seus lados. Lados opostos do paralelogramo são iguais. (pág.21)

Ângulos suplementares – a soma de dois ângulos é igual a 180°

Para concluir o estudo do paralelogramo será trabalhada a sua altura. Desta forma pretende-se concluir que a altura de um paralelogramo relativa a um lado (tomado como base) é um segmento de reta que une um ponto do lado oposto com a reta que contém a base e lhe é perpendicular. (pág.26)

Para consolidar os conteúdos serão realizados alguns exercícios.

Anexo R – Diários de bordo

Matemática

23 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior feita por um aluno no quadro. Em grupo recordar o que foi lecionado na aula anterior e posteriormente a professora dita o que deve ser escrito.

A professora posteriormente pergunta a cada aluno se fez o trabalho de casa e faz o respetivo registo.

Para começar a aula, a professora escreve no quadro um conjunto de exercícios para os alunos fazerem o cálculo mental. Após alguns minutos, a professora faz a correção no quadro pedindo aos alunos que respondam. Durante a correção a professora recorda algumas estratégias que ajudam os alunos a fazer os cálculos.

Em seguida segue-se a correção de casa no quadro.

Recapitulação de matéria lecionada:

- Triângulos;
- Ângulos internos.

Com a ajuda de papel vegetal, os alunos irão descobrir a soma dos ângulos externos do triângulo:

1. decalcar um triângulo;
2. recortar os ângulos externos do triângulo após a sua pintura;
3. colar no caderno os ângulos dos vértices e classificar.

A professora espera que os alunos cheguem à conclusão que a soma dos ângulos externos do triângulo tem uma amplitude de 360° . Após a atividade os alunos passam para o caderno as definições.

Esta aula, às segundas-feiras, é coadjuvada por outra professora de Matemática. Para a realização de alguns exercícios, a turma é dividida em dois devido à heterogeneidade da turma.

25 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior no quadro.

Classificação de triângulos quanto aos lados. Projeção dos conteúdos no quadro e respetiva cópia para os cadernos diários

Resolução de exercícios sobre os conteúdos abordados.

Após o intervalo os alunos realizam um desafio de cálculo mental. Esta atividade decorre semanalmente e o mesmo desafio é feito em todas as turmas do 5º ano.

História e Geografia de Portugal

24 fevereiro 2015

A aula começa com a escrita do sumário da aula anterior no quadro feito por um aluno por ordem numérica. O aluno apresenta uma proposta de sumário de acordo com os conteúdos lecionados e após a aprovação escreve-o no quadro.

Enquanto o aluno escreve o sumário a professora faz a chamada para marcar as presenças.

Aula expositiva sobre os tipos de vestuário no século XIX. A professora começa a aula com uma parte introdutória mais expositiva e segue para uma apresentação em PowerPoint onde mostra alguns exemplos da vida quotidiana nas zonas rurais.

No final da aula a professora marca o trabalho de casa que se refere ao conteúdo, assunto, da aula seguinte.

26 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior no quadro. Abertura da lição da aula do dia. Chamada e registo do trabalho de casa realizado.

Correção oral do trabalho de casa.

Recurso ao PowerPoint com imagens para lecionar os conteúdos da aula.

A professora apresenta algumas profissões existentes no séc. XIX mostrando imagens de como se vestiam e ia mencionando as palavras que apregoavam. Os alunos mostraram grande interesse e vontade de aprender mais.

Português

25 fevereiro 2015

A aula começa com a escrita do sumário da própria aula no quadro por um aluno.

Em seguida a professora faz uma introdução a um texto informativo sobre a religião grega perguntando o que os alunos conhecem. Faz-se uma breve discussão sobre alguns acontecimentos e conhecimentos dos alunos sobre esse tema.

Leitura do texto informativo seguindo uma ordem aleatória. A leitura é intercalada com comentários da professora para complementar a informação lida.

Realização de exercícios sobre o texto. Durante a resolução a professora movimenta-se pela sala vendo o progresso/desenvolvimento dos alunos.

Término da aula completando um esquema sobre os conteúdos abordados e cópia para o caderno diário.

Marcação do trabalho de casa.

27 fevereiro 2015

Escrita do sumário do próprio dia no quadro por um aluno – ordem numérica.

Correção oral do trabalho de casa.

Leitura e interpretação do texto “Filémon e Báucis”. Durante a leitura a professora complementa os conteúdos de um aspeto cultural e interligação com outros conteúdos.

Recurso ao PowerPoint com imagens para enquadrar a Grécia antiga mostrando vestígios de templos, teatros...

Apresentação das divindades que entram na história do texto lido – Mercúrio, Atenas, Zeus, Jupiter.

Ciências Naturais

25 fevereiro 2015

A professora abre o programa da escola onde introduz o sumário e faz o registo das faltas. O sumário é escrito pela professora ao mesmo tempo que os alunos o copiam para o caderno.

Escrita do sumário da aula do dia do departamento. Abertura do sumário do dia.

Chamada realizada com registo de presenças e faltas de material. Ajuda de um aluno que também faz o registo (possível delegado)

Revisões sobre os conteúdos abordados no teste de avaliação. A professora vai colocando questões e os alunos levantam o braço para responder.

26 fevereiro 2015

Escrita do sumário da aula anterior e devido ao comportamento dos alunos é escrito o sumário da aula do dia “Cópia de regras de sala de aula, por se terem perdido 15 minutos até os alunos se acalmarem para dar início à aula.”

Anexo S – Feira Medieval

